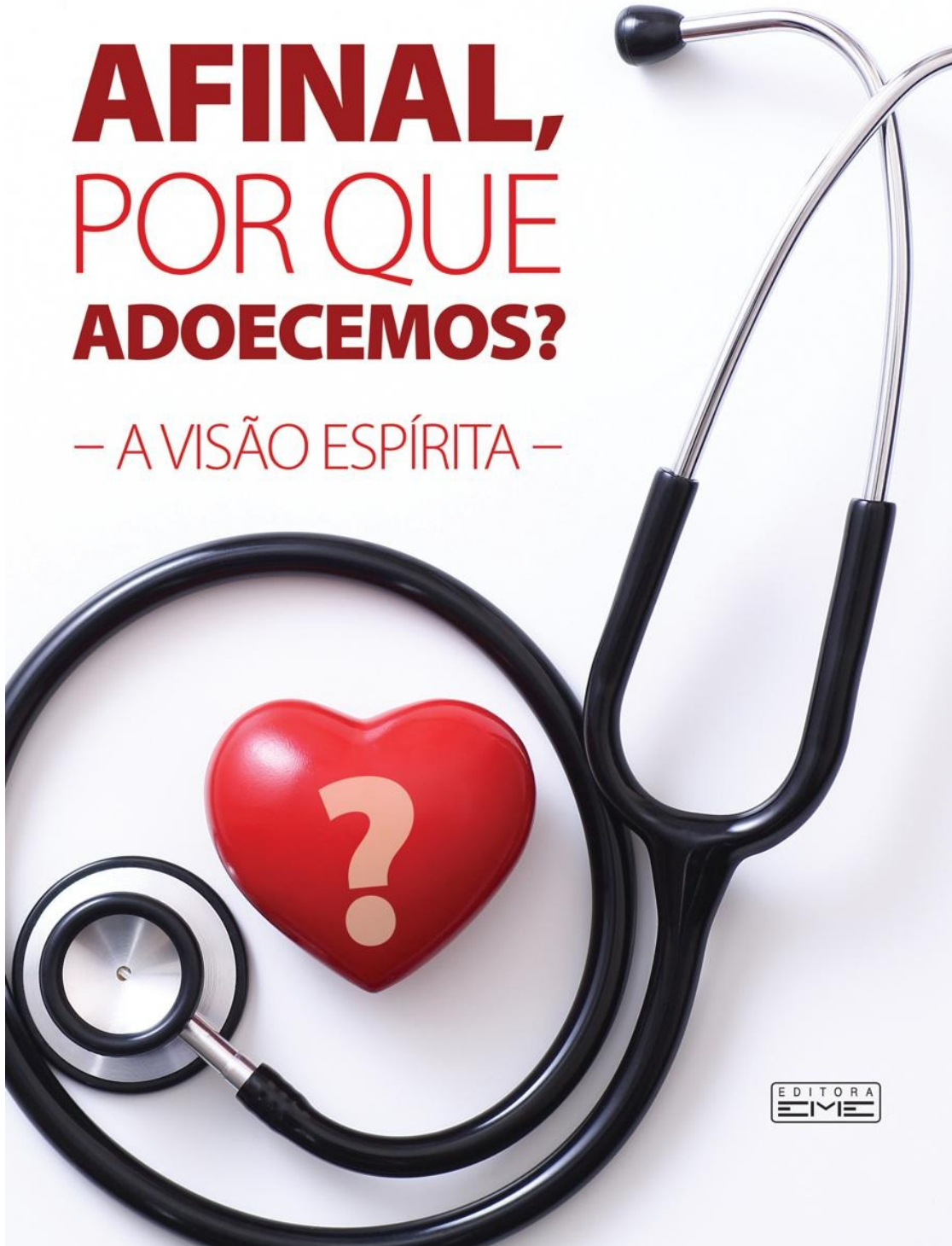


RICARDO SALLUM

(Médico, diretor da AME Santos)

**AFINAL,
POR QUE
ADOECEMOS?**

– A VISÃO ESPÍRITA –



EDITORA
EME

Confraria dos Livros Bons

© 2019 Ricardo Sallum

Os direitos autorais desta obra são de exclusividade do autor.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, instituições de atendimento social de Capivari-SP.

1ª edição eletrônica: maio de 2019

Capa e projeto eletrônico: vbenatti

Revisão: Rubens Toledo

ISBN 978-85-9544-105-7

Afinal, por que adoecemos? | Ricardo Sallum

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

Copyright © Editora EME Ltda-ME

Confraria dos Livros Bons

Sumário

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Aos queridos companheiros da Associação Médico-Espírita \(AME-Santos\)](#)

[O autor](#)

[Apresentação](#)

[Mudança de paradigma na medicina: A contribuição do espiritismo](#)

[Experiências de Quase Morte](#)

[Relatos comuns](#)

[Algumas teorias sobre EQM](#)

[Aborto, anencefalia, doação de órgãos](#)

[Anencéfalos](#)

[Uma cartinha para meus pais](#)

[Doação de órgãos](#)

[Loucura](#)

[Eutanásia, distanásia e ortotanásia](#)

[Moral ou legal?](#)

[A morte e o morrer](#)

[As lições do André](#)

[De quem é a culpa?](#)

[Por que adoecemos?](#)

[“Doenças” da mediunidade](#)

[Síndrome da eclosão mediúcnica](#)

[Síndrome da mediunidade reprimida](#)

[Síndrome da estafa mediúcnica](#)

[Dor: ainda um mal necessário?](#)

[Desencarnações coletivas](#)

[Luz nas chamas](#)

[Religião e religiosidade](#)

[O perdão como terapia](#)

[Família: lugar de perdão](#)

[Capítulo final: O desconhecido](#)

[Referências bibliográficas](#)

Dedicatória

Ao Dr. Milton Teixeira (in memoriam), chanceler da Universidade Santa Cecília (UniSanta), de Santos, e à estimada família Teixeira, por terem aberto as portas de sua universidade ao Curso de Licenciatura em Ciência, Saúde e Espiritualidade, regido pela Associação Médico-Espírita (AME-Santos).

À Dra. Marlene R. S. Nobre (in memoriam), presidente da Associação Médico-Espírita Internacional e Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil), por seu exemplo de dedicação, força de trabalho e amor em relação à causa médico-espírita.

À minha estimada esposa Mércia (in memoriam), inesquecível companheira por 41 anos, incentivando-me em todos os momentos de minha jornada terrena.

Aos meus queridos filhos — Danilo, Maísa (in memoriam) e André — pela força, inspiração e presença em todos os instantes de minha vida.

Ao meu irmão Roberto (in memoriam) e à minha irmã Regina, pelo carinho e amor.

Aos meus pais, Romeu (in memoriam) e Gilda, pelo exemplo de amor e caráter.

Agradecimentos

Confraria dos Livros Bons

Aos queridos companheiros da Associação Médico-Espírita (AME-Santos)

Flávio Braun Fiorda, Márcia Regina Colasante Salgado, Dione Batista Vila Nova da Silva, Fernando A. G. Guimarães, Giovana Teixeira Campos, Célia Maria Patriani Justo, Márcia Maria Rodrigues Semenov, Andreia Vidigal Armini, Angélica Bogatzky Ribeiro, Dallessandro Bence S. Rodrigues, Orígenes Caetano di Santis, Fabiana Oliveira Rodrigues, Regina Maria Catucci Gikas, Sabrina Capela, Cristiane Assis e Patrícia Freire.

E, em especial, ao meu amigo Dr. José Nilson Nunes Freire, pelo seu estímulo, sem o qual este livro não seria escrito.

O autor

Formado pela Faculdade de Ciências Médicas de Volta Redonda (FOA), em 1976.

Residência Médica em Otorrinolaringologia pelo Hospital Ibirapuera, na cidade de São Paulo, em 1978.

Título de Especialista em Otorrinolaringologia pela Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia e Associação Médica Brasileira, em 1982.

Foi membro do Corpo Editorial e Revisor Científico do Brazilian Journal of Otorhinolaryngology, no período de 2005 a 2010.

Mestre em Medicina, Otorrinolaringologia e Cirurgia de Cabeça e Pescoço (stricto sensu) pelo Hospital Heliópolis, na cidade de São Paulo, com a tese “O impacto do tema morte ante o acadêmico de medicina”, defendida em 15 de outubro de 2004.

Professor-Coordenador da Disciplina de Otorrinolaringologia da Faculdade de Ciências Médicas de Santos (Unilus), no período de 1991 a 2005.

Membro da Banca Examinadora para Título de Especialista em Otorrinolaringologia da Academia Brasileira de Otorrinolaringologia e Cirurgia de Cabeça e Pescoço.

Membro da Academia Brasileira de Cirurgia Plástica e Reconstructora da Face.

Fundador do Departamento de Otorrinolaringologia da Associação dos Médicos de Santos.

Professor do Curso de Licenciatura em Saúde e Espiritualidade, da Universidade Santa Cecília (UniSanta), na cidade de Santos.

Sócio e fundador do Centro Espírita Dr. Luiz Monteiro de Barros, na cidade de Santos.

Apresentador do programa Saúde e Espiritualidade, na TV Santa Cecília, na cidade de Santos.

Apresentação

Este livro é resultado da compilação, ao longo de 36 anos, de conferências em congressos, jornadas e simpósios, bem como de palestras em casas espíritas e aulas ministradas no curso de extensão universitária e licenciatura em Ciência, Saúde e Espiritualidade, oferecido pela Universidade Santa Cecília (UniSanta), na cidade de Santos, desde 1995.

Longe de pretender impor minha opinião, esta obra tem como finalidade remeter os seus leitores à reflexão sobre a presença do homem no mundo. Por que vivemos, por que estamos aqui e para onde iremos. Nada mais do que isso. Espero que vocês gostem.

O autor

Mudança de paradigma na medicina: A contribuição do espiritismo

Um sistema de medicina que negue ou ignore a existência do espírito será incompleto, porque exclui o atributo mais importante da dimensão humana: a dimensão espiritual.

Dr. Richard Gerber¹

Vivemos atados ao pensamento materialista e ao pressuposto de que espírito não existe. Os grandes nomes de nossa História, passando por Euclides, Descartes, Newton e até Freud, relegaram o espírito a segundo plano. Temos vivido, desde então, adaptados a esse modelo procustiano², que, apesar de tudo, grande serviço prestou à humanidade. Penso que esse modelo tenha se esgotado por si só.

À beira do terceiro milênio, sentimos falta de algo. Parece que assistimos a um grande espetáculo lírico que pecou em seu gran finale. A Medicina, em certos setores, parece estar com suas engrenagens emperradas, tentando subir a cremalheira do progresso científico. Atingimos um estágio de desenvolvimento extraordinário no campo do estudo e dos trabalhos científicos. Novas drogas são sintetizadas a cada instante e doenças, antes consideradas incuráveis, parecem estar com seus dias contados. Mas o que estará faltando?

Pessoalmente, penso que falta ao homem moderno admitir, definitivamente, a existência do espírito, isto é, o ser que anima a matéria. Cabe à Ciência aceitar essa realidade, modificando, pela base, o paradigma materialista que tem guiado a Academia e, dentro desse novo paradigma, adestrar seus instrumentos no estudo do ser trino que somos e nos mecanismos que presidem a interação espírito-perispírito³-corpo físico.

Alguns dirão: como entender aquilo que não se pode enxergar ou medir? Eu responderia que, muito em breve, estaremos em condições de ver, mensurar e, quem sabe, mapear este maravilhoso molde holográfico mais materializado de nosso perispírito: o duplo etérico.⁴ Passaremos, então, a compreender que, em

uma quantidade enorme de vezes, sofremos de males que transcendem em muito a nossa dimensão corpórea física e temporal. Trazemos problemas seculares e até milenares que, estando enraizados em nossos corpos sutis, manifestam-se como doença orgânica. Teremos uma enorme dificuldade em manusear tais distúrbios se não nos livrarmos desse pensamento materialista e reducionista. É necessário que nova mentalidade médica surja, neste terceiro milênio, para que possamos evoluir na Medicina, área tão importante para a humanidade.

Não faltam, na atualidade, indícios fortes da existência do espírito. As chamadas Experiências de Quase Morte (EQMs), por exemplo, apontam a presença do ser pensante que sobrevive à morte do corpo físico. Observamos, em todo o mundo, profissionais lançando mão das Terapias de Vivências Passadas, procurando nos arcanos da mente dos seus pacientes, os bloqueios e traumas que afligem o ser, numa prova incontestável da pluralidade das existências, que se expressa por meio da grande lei da reencarnação.

Cientistas veem comprovada a teoria de Einstein, modificada por Lorenz, demonstrando a existência de um espaço-tempo negativo, diverso deste, no qual, a velocidade está acima daquela em que a luz viaja pelo espaço. Teoria que permite compreender melhor a verdadeira essência do perispírito. Chega-se hoje, por meio da Física Quântica, a verdades já conhecidas há cerca de 5 mil anos pelos místicos orientais, por meio da meditação transcendental.

Interessante notar que a obra codificada por Allan Kardec, desdobrada na série de livros de André Luiz/Francisco Cândido Xavier, permanece atual e respaldada por esse notável avanço científico. Começemos pois, examinando à luz do espiritismo, algumas questões de conteúdo controverso dentro do contexto bioético da Medicina.

1 Gerber, R. Medicina Vibracional (Uma medicina para o futuro). São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1988.

2 Na mitologia grega, Procusto era um bandido que vivia na terra de Elêusis. Em sua casa, havia uma cama de ferro, que tinha seu exato tamanho, para a qual convidava todos os viajantes a se deitarem. Se os hóspedes fossem demasiado altos, ele amputava o excesso de comprimento para ajustá-los à cama, e os que tinham pequena estatura eram esticados até atingirem o comprimento suficiente. Uma vítima nunca se ajustava exatamente ao tamanho da cama porque Procusto, secretamente, tinha duas camas de tamanhos diferentes. Procusto representa, em regra, a intolerância do ser humano em relação ao seu semelhante.

3 Perispírito. Denominação cunhada por Allan Kardec para designar o envoltório do espírito, semimaterial, que preside à formação do corpo físico, quando da volta do espírito à vida corpórea, e mantém-se independente quando da morte biológica.

4 Segundo o espírito André Luiz, na obra Evolução em dois mundos, Parte 1, Cap. 17: O duplo etérico é, pois, um corpo fluídico, que se apresenta como uma duplicata energética do indivíduo, interpenetrando o seu corpo físico, ao mesmo tempo em que parece dele emergir. O duplo etérico emite, continuamente, uma emanção energética que se apresenta em forma de raias ou estrias que partem de toda a sua superfície [...]. Ao conjunto dessas raias é que, geralmente, se denomina aura interna. [...]. Os nossos pensamentos, que, conforme já vimos, são produtos do espírito, interagem com o envoltório fluídico que nos cerca, produzido principalmente pelas emanções do duplo etérico. Assim são plasmadas as formas-pensamento, que adquirem uma espécie de vida própria. Essas formas-pensamento — nossas criações mentais — são verdadeiros pacotes fluídicos que, a partir do momento em que se exteriorizam para o ambiente, ficam ao sabor das forças de atração e repulsão que regem os deslocamentos de fluidos.

Experiências de Quase Morte

Em cegos congênitos, a Experiência de Quase Morte(EQM), parece abrir um novo caminho sensorial que obtém informação sem um órgão sensorial

Peter Fenwick- Professor Doutor do Institute of Psychiatry, London University,UK.

Gostaria de começar este tema com a seguinte pergunta: afinal de contas, existe ou não existe espírito? Para alguns, não existe, pois não existe qualquer prova científica de sua existência. Para outros, se não existe tal prova, também não existe nenhuma que mostre sua inexistência. Ousamos pretender mostrar a vocês, cientificamente, que espírito existe sim. Vamos lá.

Século XV a.C. No livro The Egitan Book of the Dead, há descrição da viagem das almas pelo escuro das sombras, até se unirem ao Deus-Sol para a eternidade.

Século VII a.C. O Livro tibetano dos mortos faz referência à EQM, informando haver vida após a morte.

Em A República, de Platão, 400 a.C. é descrita a experiência do soldado Er – O Armênio, morto em combate e ressuscitado após dez dias. Er relata sua “viagem” através da escuridão para a luz, onde encontrou pessoas conhecidas.

Séculos XVII e XVIII (1688-1722). Emanuel Swendenborg, filósofo e vidente sueco, reuniu e divulgou numerosos relatos sobre EQMs. Os casos, em sua maioria, referem-se a mineiros soterrados e sobreviventes dos acidentes nas minas.

Século XIX - Os Mórmons trazem relatos de fatos sobre EQM, sinalizados desde os tempos antigos até os dias contemporâneos.

Em 1878, E. H. Clarke realizou a primeira pesquisa formal sobre EQM, intitulada Visions: A Study of False Sight⁵. O autor compilou as informações

relatadas pelas pessoas que passaram por EQMs, evidenciando, em sua pesquisa, a sobrevivência da alma.

Em 1882, Henry Sidawick, E. W. H. Myers, Edmund Gurney e outros organizaram a Society for Psychical Research (SPR) e publicaram 15 volumes de pesquisa sobre o assunto.

Em 1892, Albert Hein, geólogo e alpinista suíço, coletou e transcreveu as experiências de 30 alpinistas caídos de grandes alturas. Os relatos assemelhavam-se às descrições de EQMs estudadas e organizadas pela SPR.

Em 1927, Ernesto Bozzano⁶, pesquisador italiano, escreveu sobre EQM no livro Fenômeno de bilocação, transcrevendo o relato do capitão Gilbert Nobbs, ferido na Segunda Guerra Mundial, que dizia ter perdido o medo da morte (tanatofobia), após a EQM. Bozzano descreve em outro título, A morte e os seus mistérios, acontecimentos extraídos de outros autores, a exemplo de Bérghson e Victor Egger, fazendo abordagem sobre as Experiências de Quase-Morte com foco no fenômeno parapsíquico multidimensional.

Em 1940, Vlademir Negovsky sistematizou estudo sobre soldados feridos na Segunda Grande Guerra. Sofrendo hipotermia ou graves traumatismos, os soldados vivenciaram experiências fora do corpo, relatadas como “sono profundo” e isento de sonho. Alguns soldados rememoraram sentimentos de alegria e felicidade. O pesquisador considerou as situações como percepções do cérebro funcionando com precariedade.

Em 1949, Francisco Cândido Xavier, médium espírita brasileiro, psicografou a obra Libertação, contendo comentários sobre EQM.

Em 1976, Raymond Moody, médico americano, recolheu 150 casos de EQMs e selecionou 50 deles para estudo pormenorizado. Arrolou 15 elementos pertinentes e distintos descritos no fenômeno. Moody publicou o best-seller Vida depois da vida. Em 1977, publicou Reflexões sobre a vida após a vida, também com estudos sobre EQM.

Em 1976, Elisabeth Kübler-Ross, médica e psiquiatra, publicou relatos de EQMs ocorridas em crianças. Kübler-Ross tornou-se estudiosa das EQMs infantis e passou a ser referência mundial no assunto.

Em 1977, foi fundada The Association for the Scientific Studies of Near Death

Phenomena. Essa instituição passou a ser, em 1981, The International Association of Near Death Studies (Iands). Atualmente com reconhecimento internacional, a associação publica dois periódicos: o Vital Signs e The Journal for Near-Death Studies.

Em 1980, Kenneth Ring, médico inglês, realizou pesquisa visando apontar e qualificar as sensações do momento limite entre a vida e a morte. O pesquisador entrevistou 24 pacientes “suicidas falhados” com objetivo de identificar se os elementos luz, paz e quietude eram constantes no contexto da morte ou compunham-se apenas do histórico pessoal dos equemistas.

O resultado da pesquisa apontou: a maioria dos “suicidas falhados” deixou de relatar o elemento túnel e a presença de um ser de luz. Alguns assumiram terem estado num lugar escuro e tiveram a sensação de serem “sugados” para baixo. Relataram sentirem-se “acalmados”, embora não chegassem a descrever sensações agradáveis semelhantes aos equemistas, que passaram pela experiência devido a causas naturais. A reflexão das atitudes tomadas levou os “suicidas falhados” a um sentimento de arrependimento e conseqüente desejo de nova chance, devido ao sofrimento causado aos familiares e amigos.

A norte-americana Angie Fenimore, “suicida falhada”, foi incluída na pesquisa de Ring e, mais tarde, em 1995, escreveu um livro onde relata seu resgate da escuridão por um ser de luz. Reviu sua insensatez e refletiu sobre as conseqüências do ato. Reconstruiu nova etapa de vida e escreveu o livro *Beyond the Darkness* (Além da escuridão). O objetivo do livro é alertar que o suicídio não é solução dos problemas. A pesquisa de Kenneth Ring estimula uma reflexão sobre a responsabilidade pessoal voltada ao processo de vida.

Em 1981, Michael Grosso classifica a tipologia das EQMs, motivado pelo interesse em pesquisas sobre o assunto.

Em 1982, George C. Gallup e William Proctor fizeram uma pesquisa com abrangência nos EUA, visando sondar a ideia dos estadunidenses quanto à imortalidade da alma. Os dados do Instituto Gallup indicaram: 5,2% da população, representando na época 8 milhões de pessoas, informaram terem chegado “muito perto da morte”. No mesmo ano, 1982, Michael B. Sabom, cardiologista, publicou o livro *Recollection of Death*. Os relatos de 116 pacientes deram-lhe aprofundamento ao tema e motivação para fazer a classificação das características sobre a EQM com abordagem diferenciada às do pesquisador

Michael Grosso.

Em 1983, Melvin Morse publicou no *American Journal of Disease of Children*, um artigo sobre as EQMs infantis, levando em consideração casos com crianças de até 7 anos de idade. Morse objetivou alertar a classe médica sobre a possibilidade de ocorrência da quase-morte com crianças. A partir desse enfoque, nas décadas de 80 e 90 surgiram artigos e livros sobre EQMs infantis. No mesmo ano, foram registrados estudos, declarações, argumentos e definições significativas a respeito da experiência extracorpórea assinadas por Woodhouse e Bruce Greyson.

Em 1986, Waldo Vieira, médico brasileiro, pesquisador independente, escreveu um tratado sobre a Projetabilidade. Com o título: *Projeciologia – Panorama das experiências da consciência fora do corpo humano*, o autor desenvolveu estudo pormenorizado sobre experiências conscienciais, incluindo a EQM, realizadas além do corpo físico.

Em 2002, os pesquisadores Peter Fenwick, neuropsiquiatra do Instituto de Psiquiatria de Londres, e Sam Parnia, médico do Hospital de Southampton, declaram na revista médica *Resuscitation* que “a mente independe do cérebro e, por isso, a consciência, ou alma, continua viva depois da morte cerebral”. As pesquisas envolveram 63 pacientes que sofreram paradas cardíacas. Fenwick & Parnia realizaram entrevistas após uma semana do acidente cardiovascular. Dentre eles, 56 pacientes não se lembraram do espaço de tempo em que ficaram inconscientes e três afirmaram ter lembrado de “algo”. Os quatro restantes tiveram sensações de paz e alegria, aceleração do tempo, perda da percepção do corpo físico, visão de luz brilhante e entrada em outra dimensão, sensações não descritas na Escala Greyson — critério médico avaliador das características de experiência que possam ser consideradas como EQM.

Fenwick & Parnia concluíram que as experiências não foram resultantes do colapso das funções cerebrais causadas por falta de oxigenação. Descartaram também a possibilidade da combinação de drogas médicas, visto as técnicas de reanimação praticadas naquele hospital serem as mesmas aplicadas em todos os pacientes. Parnia ressalta: “No começo da pesquisa, estava cético. A análise dos resultados me leva a acreditar que algo realmente existe. Essas experiências foram vivenciadas em momentos nos quais o cérebro era incapaz de ter processo lúcido ou memória estável, o que poderia responder à pergunta se a mente ou a consciência são produtos do cérebro, ou se o cérebro é uma espécie de

intermediário da mente, que existe de forma independente”. Fenwick conclui: “Se a mente e o cérebro são independentes, então a consciência sobrevive ao corpo” (Van Putten, Philippe Piet, Arquivos do Insólito).

Relatos comuns

Sensação de estar morto. Ausência de dor e sensação de paz. Experiência fora do corpo (EFC). Experiência do túnel. Visualização de seres de luz. Visualização do ser de luz. Recapitulação da vida. Relutância em voltar. Transformação da personalidade.

Vamos a algumas histórias. O ex-tenente do exército israelense Yousef Karl Ai Sanddy, então com 56 anos de idade e morando atualmente em São Paulo, relata um fato ocorrido há mais de quarenta anos. Em 1973, durante a Guerra do Yom Kippur, foi atingido por diversos tiros quando estava com outros 600 soldados. Considerado morto, ficou numa gaveta do necrotério. Após dez dias, “ressuscitou”. Diz o oficial: “Vi meu próprio corpo e viajei por um túnel com muita luz e muito veloz. No final, cheguei a um lugar claro. Vi Jesus Cristo, Jacó, Abraão e outras figuras bíblicas”.

Na percepção de Yousef, tudo durou cerca de 15 minutos. “As pessoas não acreditavam que eu estava vivo, devido à gravidade dos ferimentos e porque fiquei por dez dias dentro da gaveta. Achei que tivesse apenas desmaiado”. (V. Franquini, Giancarlo; Diário do Norte do Paraná, 5 de outubro de 2003.)

“Uma paciente internada em um grande hospital americano, por ter sofrido uma parada cardíaca, passou pela ressuscitação clínica. Na manhã seguinte, contou à assistente social que tinha deixado o corpo humano durante o período em que a equipe médica lutava para ressuscitá-la e vira um tênis, que descreveu com detalhes, no parapeito de uma janela, em determinada ala específica do hospital. Com a sua curiosidade despertada, a assistente social imediatamente foi até o local e achou o tênis.” (Vieira, 1999; página 774.)

Algumas teorias sobre EQM

“Eu, como médico fisiologista, entendo o problema sobre a base fisiológica. Em pessoas que têm algum tipo de evento em que a função cerebral é bloqueada, essas pessoas podem ter anormalidades perceptivas que fogem à realidade.”

“Existem teorias mostrando que existe um último lampejo de explosão de atividade cerebral nos minutos próximos da morte. Então talvez esses relatos possam estar vinculados no momento da perda da consciência, mas com um mínimo de atividade cerebral ainda em curso. Talvez desorganizada, talvez atrapalhada, talvez não de uma forma condizente com a atividade cerebral normal.”

“Há várias possíveis explicações para as EQMs. Uma delas pode ser o cérebro com a falta de oxigênio, e a pessoa pode ter uma alucinação, uma visão falsa. Pode ser que em um período próximo à morte, a pessoa fantasie, crie imagens como mecanismo de defesa. Pode ser, também, uma das possibilidades, que a própria consciência, a própria mente, efetivamente, possa ser independente do cérebro e está realmente presenciando e vivenciando aquelas situações descritas na EQM.”

“A administração de Cetamina [um anestésico] pode provocar a sensação de estar fora do corpo e de atravessar um túnel em direção à luz. Entretanto, as experiências com Cetamina geralmente envolvem imagens bizarras e assustadoras, normalmente reconhecidas como ilusões, e nos achados sobre EQM as experiências são relatadas como prazerosas, felizes e mais reais que o real.”

Willoughby Britton, que trabalha com pacientes terminais, afirma que a transformação pouco tem a ver com religião. “Pessoas muito religiosas deixam de ir à igreja depois de passar por uma experiência de quase-morte”, diz. “Não que Jesus esteja excluído das EQMs. Em alguns casos, ele é visto flutuando na luz, mas são visões de cristãos. Fiéis de outras religiões relatam encontros com divindades de seus próprios credos. O que geralmente ocorre, no entanto, é que essa presença seja descrita apenas como um ser de luz, amoroso e acolhedor. As

experiências de quase-morte não se encaixam na descrição do Além feita por nenhuma doutrina em particular. Fica difícil, portanto, tentar explicá-las a partir da religião.”

O Dr. Eben Alexander, renomado neurocirurgião da Universidade de Harvard, foi capa da conhecida revista Newsweek. Ele passou por uma EQM e conta que uma luz dizia para ele: “Você é amado e querido para sempre”. “Você não tem nada para temer”. “Não tem nada que você pode fazer de errado”. “Iremos mostrar muita coisa para você aqui. Mas, eventualmente, você vai voltar.” Tudo isso apenas olhando para Eben, que se perguntava: “Voltar pra onde?” As respostas para suas perguntas existencialistas vinham “como uma explosão de cor, luz, amor e beleza que explodia em mim como uma onda quebrando.”

Eben diz que estava em cima de nuvens rosadas que contrastavam com um céu azul escuro. Acima dele, seres transparentes (nem anjos, nem pássaros, uma forma superior), cruzavam o céu. Ele sentia como se estivesse naquele lugar há muito tempo e não tinha nenhuma memória de sua vida aqui na Terra. A sinestesia imperava: sons são sentidos pela pele “como uma chuva que você sente, mas não te molha”.

Em 2002, Pim van Lommel, cardiologista holandês, promoveu concitação entre os estudiosos e quebrou todos os paradigmas ao dar ênfase a outra visão sobre as causas ou origem da EQM em artigo publicado na revista inglesa The Lancet (a mais conceituada revista de Medicina do mundo).

Entre 2 e 4 de setembro de 2011, a Iands organizou uma conferência em Durham, N.C., EUA, com pesquisadores da EQM para apresentar seus achados. Bruce Greyson, professor de psiquiatria e diretor da Divisão de Estudos da Percepção da Universidade da Virgínia, EUA, disse que as EQMs são confiáveis porque os relatos das testemunhas permanecem inalterados ao longo do tempo. Ele comparou um grupo de relatos de pessoas que tiveram EQM vinte anos antes e constatou que se mantiveram praticamente idênticos ao longo do tempo.

Greyson acredita que as EQMs são uma indicação de que a mente é independente do cérebro, porque seria de se esperar funções cerebrais prejudicadas nas situações clínicas em que as EQMs ocorrem, mas sua pesquisa não encontrou nenhum prejuízo correspondente nas funções mentais em EQMs.

“Na maioria dos casos, o funcionamento mental das pessoas é melhor na EQM

do que durante a nossa vida normal em vigília”, disse Greyson, durante uma entrevista ao Epoch Times.

“O pensamento deles é mais rápido, claro e lógico. Eles têm mais controle sobre sua cadeia de pensamento, os seus sentidos são mais aguçados e suas memórias são mais vívidas. Quando você pensa que essas experiências, que são caracterizadas por elaborados processos de pensamento, que ocorrem quando o cérebro não está funcionando bem, ou às vezes nem funcionando, pois está sob efeito de uma parada cardíaca ou profunda anestesia, momentos em que a ciência do cérebro nos diria que você não deveria ser capaz de pensar, perceber ou formar memórias, torna-se bastante claro que não podemos explicar essas coisas com base na fisiologia cerebral”.

Um renomado médico inglês, emérito professor universitário e pesquisador de EQMs, conta a seguinte história: ele submeteu uma menina de 14 anos a um questionário padrão que realiza com pessoas que passaram por uma EQM. A garota estava sendo submetida a um procedimento cirúrgico. Então contou que olhava do teto, mas viu seu corpo deitado em uma maca, o que lhe pareceu muito estranho. Afinal de contas, ela estava no teto. Ela havia tido uma parada cardiorrespiratória. Referiu, então, uma série de eventos que ocorreram a partir desse momento. Conta a menina que, então, uma circulante, vestida de verde, entrou na sala com uma injeção na mão, que o cirurgião aplicou em seu coração. Em seguida ela tomou vários choques no peito. E vários outros eventos por ela foram relatados.

Como existem correntes que dizem que tais eventos não passam de alucinações devido a hipóxia (baixa oxigenação cerebral) ou captação do pensamento dos presentes, o relato da garota põe esses argumentos por terra. Tendo em vista que o eletroencefalograma mostra-se isoelétrico, ou seja, sem atividade cerebral, o pesquisador solicitou à menina que descrevesse todos os detalhes do ambiente com minúcias. Foi quando ela se lembrou de que, em cima de um dos aparelhos, havia um desenho em forma de um X (xis), de cor roxa. Então, o médico perguntou a todas as pessoas que participaram do evento se alguém sabia dizer o que havia em cima do monitor. Ninguém sabia. Bem, podemos pensar: então, não existe dúvida alguma que uma inteligência extracorpórea presenciou tudo isso, mesmo sem atividade elétrica cerebral. Pois é. Mas a menina era, simplesmente, cega de nascença! Depois de tudo isso, vocês acham que fica provada a existência do espírito ou ainda ficou alguma dúvida? Para encerrar este capítulo, vejam o depoimento de Mellen Thomas Benedict, em 1982,

“morto” por 90 minutos, portador de câncer terminal.

Conforme eu pedia para a “luz” continuar me esclarecendo, eu vi nessa Mandala como nós somos lindos na nossa essência, no nosso núcleo. Nós somos as mais lindas criações. A alma humana, a matriz humana da qual todos fazemos parte, é absolutamente fantástica, requintada, exótica, tudo. Eu não tenho palavras suficientes para expressar como este instante mudou a minha visão do ser humano. E disse: “Oh, Deus, eu não sabia o quanto somos belos! Em qualquer nível, alto ou baixo, em qualquer forma que você esteja, você é a criação mais linda sim. Eu fiquei atônito ao perceber que não existe nada de mal em nenhuma alma. Suas almas não são más. O que todas as pessoas buscam e o que as sustenta é o Amor, disse-me a “Luz”. O que distorce as pessoas é a falta de Amor. Você salva, redime e cura a si mesmo. Você sempre pôde fazer isso. Você sempre poderá. Você foi criado com este poder, desde antes do começo do mundo. Tudo é feito de luz, até as pedras. Então tudo está vivo. Tudo é feito da luz de Deus; tudo é muito inteligente. Eu não conseguia ver mais nada de errado com os seres humanos como eu via antes. Antes disso tudo, eu costumava julgar muito. Eu achava que muitas pessoas eram problemáticas, na verdade, todos eram problemáticos, menos eu. Mas eu curei tudo isso. Agora quando eu olho para qualquer ser humano, eu vejo uma alma gêmea, minha alma gêmea, aquela que eu sempre procurei. Além disso, a maior alma gêmea que você irá encontrar é você mesmo. Assim como Deus não está lá. Deus está aqui. Não procure Deus fora. Procure Deus aqui. Olhe para o seu Eu. Comece pelo maior caso de amor que você jamais teve com você mesmo. A partir daí você passará a amar tudo. Eu fiz uma descida ao que vocês chamariam de inferno, e foi muito surpreendente. Eu não encontrei Satã ou o mal. Minha descida ao inferno foi uma descida à miséria humana, à ignorância e escuridão do não-saber dentro de cada um. Parecia uma eternidade de miséria. O corpo é a luz mais maravilhosa que existe. O corpo é um universo de uma luz incrível. O espírito não está nos forçando a dissolver o corpo. Não é isso que está acontecendo. Pare de tentar se tornar Deus; Deus está se tornando você. Aqui.

Será que depois de tudo isso alguém ainda pode ficar com medo de morrer?

5 In GrothMarnat e Schumaker – Journal of Humanistic Psychology.

6 Veja bibliografia completa, no final.

Aborto, anencefalia, doação de órgãos

A transformação do embrião em uma “coisa”, é assim, uma atitude errada que precisa ser revista. Sendo a vida um bem outorgado por Deus, sempre que se interfere nela para a destruir, está-se a cometer um crime passível de penalidade.

Marlene Nobre – Presidente da AME – Internacional

O espiritismo, neste instante, vem nos socorrer, à medida que nos explica qual é o momento em que a entidade reencarnante se une ao ovo, ou seja, quando se inicia a vida, evitando-se, assim, discussões filosóficas sem o menor respaldo científico com o objetivo de estabelecer o ponto de uma gestação em que o aborto seria permitido, sem que isso viesse a ferir os preceitos religiosos vigentes.

Sabemos, hoje, que a vida se inicia ainda na Trompa de Falópio, quando o espermatozoide injeta seu conteúdo celular dentro do óvulo (fecundação). Partindo dessa premissa, podemos depreender que todos os métodos contraceptivos utilizados após tal ter ocorrido, como, por exemplo, a pílula-do-dia-seguinte, o DIU (Dispositivo Intrauterino), dentre outros, serão abortivos. Por esse raciocínio, fica estabelecido que a retirada do conceito, em qualquer instante após a fecundação, passa a ferir mortalmente o direito à vida do embrião.

Além disto, a doutrina espírita, destacando-se as obras de André Luiz, apresenta as implicações morais do aborto, no que diz respeito ao ser que estaria reingressando à vida corpórea e ao espírito que, na condição de mãe, deveria recebê-lo, bem como as consequências que advêm, no mundo espiritual, para as criaturas que praticam ou praticaram o aborto. Tendo conhecimento disso, ficam nossos irmãos na Terra sujeitos às Leis Divinas, que, uma vez feridas, requerem o devido reajuste.

Apesar de tudo, mesmo conhecendo tais leis, a nós fica reservado o direito de

exercer nosso livre-arbítrio; porém agora sabedores das terríveis consequências que advirão de nossos atos.

Aliás, aborto é um tema que deve ser abordado com muito cuidado e sutileza, tendo em vista que muitas mulheres para as quais estamos falando praticaram tal ato no passado. Dependendo de nossa fala, podemos agravar ou, o que é pior, criar nelas uma zona mental de remorso e arrependimento que, com toda a certeza, nenhum benefício poderá trazer-lhes. O assunto é tão delicado que as palestras deveriam ser proferidas apenas por mulheres.

Quando converso sobre esse tema, costumo perguntar à plateia se alguém é a favor do aborto. Até hoje, nunca ouvi ninguém dizer que sim. Então, eu formulo o seguinte questionamento: “Se vocês fossem parteiros, dotados do dom da premonição, e tivessem a possibilidade de abortar uma criança que se chamaria Adolf Hitler, o que vocês fariam?” Vejo, então, com a minha imaginária vidência, vários pontos de interrogação pairando no ar, com as pessoas inquietamente se mexendo nas cadeiras.

A resposta me parece bastante simples: Deus poderia fazê-lo. E não o fez! Será que o mundo tinha mesmo de passar por outra grande guerra, com milhões de vidas perdidas? Tínhamos um resgate coletivo a ser cumprido? (Tais temas serão desenvolvidos nos próximos capítulos). Se entendermos a lei de causa e efeito, à luz do espiritismo, vamos achar que sim. Uma vez mais, a doutrina nos socorre.

Anencéfalos

A propósito do tema, tive a honra de, a convite da Dra. Marlene Nobre, escrever um capítulo no livro *A vida do anencéfalo*, editado pela Editora Folha Espírita. Vamos à definição: Anencefalia consiste na ausência ou formação defeituosa dos hemisférios cerebrais pelo não fechamento do neuroporo anterior. Geralmente, a criança nasce fora do termo, às vezes com polidrâmnios⁷, e seu período de vida é curto: dias ou até poucas semanas, como já vimos em alguns casos. Responde a estímulos auditivos, vestibulares e dolorosos. Apresenta quase todos os reflexos primitivos dos recém-nascidos, além de elevar o tronco, a partir da posição em decúbito dorsal, quando estendemos ou comprimimos os membros inferiores contra o plano da superfície em que está sendo examinada (manobra de Gamstorp).⁸

A propósito, um certo professor de bioética assim se expressou: “O anencéfalo não é um ser humano!” Se não é, temos o dever de classificá-lo. Será um mineral? Será um vegetal? Será um animal irracional? Ou será uma “coisa”? Vejam isto: “O anencéfalo não é, de fato, ausente de cérebro, uma vez que a função do tronco cerebral está presente durante o curto período de sobrevivência. Muito pouco se conhece sobre a função neurológica no recém-nascido anencéfalo. Um recente estudo em profundidade indica que eles estão funcionalmente mais próximos dos recém-nascidos normais do que de adultos em estado vegetativo crônico”, conforme anotou o professor Eugene F. Diamond, M.D, da Pediatrics Loyola University Stritch School of Medicine.

Cabe ainda acrescentar o parecer do Comitê de Bioética do Governo Italiano. “O encéfalo do recém-nascido parece hoje comparável cada vez menos a um cérebro adulto em miniatura, principalmente pelas funções da consciência e do contato com o ambiente, e cada vez mais comparável a um órgão em formação com potencialidades variáveis. A perda ou a falta de uma parte do cérebro durante a fase de desenvolvimento não é comparável à perda da mesma parte depois que o desenvolvimento tenha-se acabado completamente. Essas considerações têm particular relevo na avaliação das capacidades do anencéfalo. Não se trata, obviamente, da possibilidade, por parte do tronco, de suprir as funções do córtex faltante, mas de admitir que a neuroplasticidade do tronco

poderia ser suficiente para garantir ao anencéfalo, pelo menos, nas formas menos graves, uma certa primitiva possibilidade de consciência. Deveria, portanto, ser rejeitado o argumento de que o anencéfalo, enquanto privado dos hemisférios cerebrais, não está em condições, por definição, de ter consciência e provar sofrimentos.”

Ou, ainda: “A questão de essas crianças manterem ou não algum tipo de relacionamento com o mundo exterior ou experimentarem sensações, mesmo na ausência total ou na presença de apenas resquícios dos hemisférios cerebrais, tem sido objeto de controvérsia pela possibilidade da ocorrência de um certo grau de neuroplasticidade vertical a partir de estruturas encefálicas remanescentes. Esse fenômeno é tanto mais importante quanto mais precoce ocorre a malformação — no caso da anencefalia, ainda no primeiro mês — já que as possibilidades de um rearranjo no encéfalo em formação são bastante diferentes de um encéfalo adulto, onde existem maiores limitações.”⁹

O mesmo autor defende: “Por meio desse mecanismo, poderiam ser explicadas certas descrições de mães que, acompanhando crianças com anencefalia, dizem perceber algum tipo de interação com seus filhos durante a gestação ou após o parto, e que classicamente têm sido atribuídas a meros reflexos”.¹⁰

Um produto dessa controvérsia foi a rápida mudança de posição do Conselho de Ética da Associação Médica Americana (AMA), em 1995, quanto à autorização ética da retirada de órgãos de uma criança nascida viva com anencefalia. Na ocasião, a autorização baseava-se na assertiva de que essas crianças nunca experimentaram nem nunca experimentariam uma consciência. Entretanto, pouco tempo depois, e pela primeira vez em sua História, a AMA reconsiderou sua posição, voltando a proibir a doação de órgãos fora dos padrões aceitos internacionalmente para a morte encefálica, posição que persiste até hoje. Na ocasião de sua reconsideração, conclamou a comunidade científica a realizar mais estudos, a fim de esclarecer o verdadeiro estado da consciência nesses indivíduos. (PLOWS, 1996).¹¹

Também, recentemente, alguns autores, trabalhando com ultrassonografia 4D (ANDONOTOPO e col, 2005)¹² e Ressonância Nuclear Magnética (CALZOLARI, 2004)¹³, têm lançado apelos para a realização de mais estudos nos fetos e crianças vivas com anencefalia com o intuito de melhor compreender a neurofisiologia dessa afecção. Quem sabe o cerebelo, porção do encéfalo anteriormente ligada quase exclusivamente ao equilíbrio e agora também

relacionada à cognição e emoção humana, poderia ter algum papel na criança com anencefalia? (SCHMAHMANN, 2002).¹⁴

Alguns estudos têm mostrado a possibilidade de um razoável grau de desenvolvimento cerebelar em certas crianças com anencefalia (LOMHOLT e col., 2004, e VUKELIC e col., 2001).

Vejamos o que informaram os espíritos superiores a Allan Kardec a esse respeito:

Questão 334 - Há predestinação na união da alma com tal ou tal corpo, ou só à última hora é feita a escolha do corpo que ela tomará?

Resposta: O espírito é sempre, de antemão, designado. Tendo escolhido a prova a que queira submeter-se, pede para encarnar. Ora! Deus, que tudo sabe e vê, já antecipadamente sabia e vira que tal espírito se uniria a tal corpo.

No livro *Entre a Terra e o Céu*, no seu capítulo segundo, André Luiz assinala: “O nascimento e o renascimento, no mundo, sob o ponto de vista físico, jazem confinados a leis biológicas de cuja execução se incumbem inteligências especializadas; contudo, em suas características morais, subordinam-se a certos ascendentes do espírito”. Isso é o que ele chama de genótipo espiritual.

Torres Pastorino, por sua vez, assim se expressa: “O DNA traça o “roteiro turístico” a cada viagem evolutiva e automaticamente vai marcando as paradas nos portos das dores e as festas nas cidades da alegria. No DNA vamos, diariamente, numa vida, gravando o que nos ocorrerá na vida seguinte; é a construção lenta, mas segura, de acontecimentos infalíveis e inevitáveis.”

A produção hormonal pode influir na modificação do DNA, produção essa afetada pelos atos e palavras. Sentimentos e pensamentos das criaturas, isto é, atos, pensamentos harmoniosos das criaturas, emoções agradáveis, alegria e amor produzem modificações benéficas no DNA para a vida seguinte. Atos e pensamentos de raiva, ódio, mentira, sentimentos baixos e emoções desregradas também promovem modificações maléficas no DNA para a vida seguinte.

André Luiz elucida ainda uma vez em Ação e reação, em seu capítulo 7: “Quanto aos sinais cármicos que trazemos em nós mesmos, a alma humana é uma consciência formada, retratando em si as leis que governam a vida e, por isso, já dispõe, até certo ponto, de faculdades com que influir na genética, modificando sua estrutura, porque a consciência responsável herda sempre de si mesma. Nossa mente guarda consigo, em germe, os acontecimentos agradáveis ou desagradáveis que a surpreenderão amanhã, assim como a pévide minúscula encerra potencialmente a planta produtiva em que se transformará no futuro, nossa própria conduta pode significar liberação abreviada ou cativeiro maior, agravo ou melhoria em nossa condição de almas endividadas perante a lei”.

Em O Consolador, Questão 39 — Quais as causas do nascimento de monstruosidades entre os homens e entre os animais? — assim responde o espírito Emmanuel: “Entre os homens esses fenômenos dolorosos decorrem do quadro de provações purificadoras e constituem luta expiatória, não só para os pais sensíveis, como também para o espírito encarnado. Quanto aos animais, temos de reconhecer a necessidade imperiosa das experiências múltiplas no drama da evolução anímica”.

Conheçam também a opinião da nossa inesquecível presidente da AME-Internacional e AME-Brasil, Marlene Nobre: “Se somos espíritas, a explicação para os fetos anencéfalos é muito mais lógica e racional. Não podemos nos esquecer de que só o espírito tem capacidade de agregar matéria. Se não tivesse um espírito no comando, o anencéfalo não poderia formar os seus próprios órgãos. E o fazem, a tal ponto que esses órgãos são cogitados para transplantes. Sem o comando do espírito, o anencéfalo não cumpriria o seu metabolismo basal, e não teria preservadas as suas funções vitais”.

É ainda o mentor de Francisco Cândido Xavier quem esclarece:

O espírito expressa-se por meio do perispírito (também chamado corpo espiritual), e este, por sua vez, modela o corpo físico. Se há erros ou deficiências na modelagem, isso significa que o espírito deformou o seu perispírito por problemas cármicos ou faltas cometidas em outras vidas. Assim como podem ocorrer deficiências nos mais variados órgãos, a questão não é diferente em relação ao cérebro. No caso do anencéfalo, o perispírito está lesado, principalmente, em seu chakra cerebral, que é responsável pela percepção (visão, audição, tato, dentre outros), pela inteligência (palavra, cultura, arte, saber), e atua no córtex. O espírito com este tipo de malformação cometeu faltas, portanto, na aplicação da inteligência e da percepção.

Um dos maiores absurdos em relação aos anencefálicos é a tese de que eles poderiam ser doadores de órgãos! A vida é um bem que nos foi outorgado por Deus. Ela não nos pertence. Como poderíamos dispor daquilo que não é nosso? Vejam isto. “Trata-se de decisão ética das mais difíceis na prática clínica considerar como apto para a doação de órgão recém-nascido com o tronco encefálico funcional — não importa quanto tempo, portanto, vivo. O próprio Conselho Federal de Medicina, na resolução que dispõe sobre a morte encefálica, define alguns pontos que não devem suscitar dúvidas para a sociedade quanto aos critérios de um ente morto. Com esse propósito, convém enfatizar que o anencéfalo, mesmo com a baixa expectativa de vida, detém tronco encefálico, respira após o nascimento, esboça movimentos e, na condição de ser vivente, a ninguém é dado o direito de praticar homicídio, promovendo a retirada de órgãos para serem transplantados. (COSTA, 2004) ¹⁶

Treze anos depois, o CFM volta à carga, dessa vez com uma resolução em que permite, isto é, torna lícita a retirada de órgãos de crianças anencefálicas, nascidas vivas, desde que com a anuência de seus pais. Para a pesquisa em seres humanos a lei declara que há necessidade da assinatura, pelo ser, objeto da pesquisa, de um termo de consentimento livre e esclarecido. Será que aos pais, aos quais isso venha ser proposto, e que, eventualmente, venham a consentir no uso de seus filhos como doadores de órgãos, será dito claramente que essa retirada de órgãos será feita com a criança viva? Que médico se prestará a tão

sinistro mister? Será o Beslan brasileiro. Deus nos acuda!”. (PRAXEDES, 2004).¹⁷

A Resolução nº 1.752/2004, do CFM, afirma que “os anencéfalos são natimortos cerebrais (por não possuírem os hemisférios cerebrais)”. Natimorto cerebral? Vejamos o que diz o Código Penal Brasileiro, no seu artigo 14:

Art. 14 - Remover tecidos, órgãos ou partes do corpo de pessoa ou cadáver, em desacordo com as disposições desta Lei:

§ 4.º - Se o crime é praticado em pessoa viva e resulta morte.

Pena: reclusão, de oito a vinte anos, e multa de 200 a 360 dias-multa. No seu artigo 121, configura como homicídio simples e pune com reclusão de seis a vinte anos.

“O anencéfalo é uma pessoa vivente, e a reduzida expectativa de vida não limita os seus direitos e a sua dignidade. A supressão de um ser vivente não é justificável mesmo quando proposta para salvar outros seres de uma morte certa”, diz o Comitê de Bioética do Governo Italiano, na sua conclusão (totalmente oposta à Resolução 1.752/2004 do CFM brasileiro).

Vamos adiante. “O reconhecimento da anencefalia in utero ou na enfermaria após o nascimento é inquestionavelmente traumático para os pais. Embora o período de tempo entre o reconhecimento e a morte da criança seja geralmente breve, quando a diagnose é feita pós-parto, a necessidade de apoio e aconselhamento é muito mais prolongada. Embora as estratégias convencionais envolvam manter o bebê anencéfalo separado dos pais, há uma séria questão quanto aos benefícios derivados de uma estratégia de negação.

A experiência com fornecimento de apoio aos pais das crianças com defeitos graves tende geralmente a indicar que há efeitos salutareos se os pais afirmarem seu parentesco com a criança dando um nome ao bebê e abraçando-o antes da morte. O processo de luto, quando assumido, ao invés de suprimido, pode ser parte integral da aceitação e cura definitivas. (DIAMOND, 1988).¹⁸ Cabe ainda lembrar o que se chamou luto incluso, isto é, a dor derivada de se negar que uma

morte real ocorreu. Por causa dessa negação, o luto não pode propriamente existir, mas mesmo assim a dor da perda existe. Muitas mães têm flashbacks da experiência do aborto, pesadelos sobre o bebê e até mesmo sofrimento no aniversário da morte. Ninguém que se preocupa com as mulheres pode responsabilmente ignorar estes fatos.

Mães que tiveram filhos anencefálicos, que os trataram com amor e respeito até sua morte, deram-lhes um nome e os sepultaram, estas, segundo estudos médicos, não têm qualquer problema psicológico.

Vamos a um caso exemplar ocorrido em terras brasileiras, reportado no jornal O Estado de S. Paulo, de 20 de maio de 2007, com a manchete “Bebê anencefálica completa 6 meses em Patrocínio Paulista”. Eis a matéria:

RIBEIRÃO PRETO - Marcela de Jesus Ferreira completou seis meses de vida neste domingo, 20. Diagnosticada como anencefálica (sem cérebro) desde o quarto mês de gestação, ela contrariou as expectativas médicas e está sobrevivendo, e bem, com a mãe Cacilda, numa casa do bairro Marumbé, em Patrocínio Paulista, na região de Ribeirão Preto. O pai da menina e as irmãs continuam morando num sítio, a 18 quilômetros da cidade. “Vou cuidar dela até quando Deus quiser”, diz a mãe Cacilda, que não esconde a sua alegria diária.

A pediatra Márcia Beani Barcellos, que a visita uma a duas vezes por semana, continua se surpreendendo e documenta o que acompanha para posterior publicação científica sobre casos de anencefalia. Ela, porém, fica furiosa quando algum colega de profissão opina sobre o caso de Marcela sem ao menos tê-la visto ou buscado informações sobre a menina. “Em teoria, uma criança anencefálica não teria dor, fome, sentimento, frio, mas a Marcela prova justamente o contrário, pois ela tem frio, dor, sente a presença da mãe, chora quando tem desconforto, emite sons e respira um bom tempo sem o auxílio do aparelho de oxigênio”, relata Márcia.

A pediatra lembra que a bebê só tem o tronco cerebral, que a mantém viva. “A medicina é uma ciência exata, mas muitas vezes não tem explicação, e o caso da Marcela é um caso raro.” E a pediatra acrescenta: “Infelizmente ela não tem um prognóstico de viver, não será normal, mas tem vida e traz alegria para a família, e é interessante conhecer o caso dela.”

Marcela tem anencefalia, mas não uma vida vegetativa, ou seja, não está entrevada no berço. Ela se movimenta e, mesmo que por instinto, sente o mundo que a circunda. “Ela pede colo, gosta de tomar banho”, diz a médica Márcia, que é a favor da descriminalização do aborto em casos de anencefalia, mas desde que a mãe faça a escolha se vai ou não seguir com a gestação.

“Quanto mais informação para a mãe que passa por isso, melhor, aí ela escolhe de acordo com a sua filosofia, religião, ciência”, explica a pediatra, afirmando que fica triste com as opiniões de profissionais sérios, mas que não conhecem o caso da Marcela de perto. “Falam que ela não tem vida, não tem percepção, e vejo na prática que isso não é verdade, e fico chateada quando usam o caso da Marcela para defender ou criticar o aborto”, destaca Márcia.

Marcela pesa atualmente quase 6 kg e mede 59 centímetros, e é alimentada com leite (90 ml a cada três horas), sucos de frutas (20 ml por vez) e papinha de legumes (20 ml, duas vezes ao dia). “Ela está gorda e grande”, diz a mãe Cacilda, que comemorou os seis meses de vida da filha com a família.

“É uma alegria contínua, só agradeço a Deus”, afirma ela, que também fica indignada com comentários contrários à situação da filha. Parentes, amigos e religiosos a visitam periodicamente e até um padre de Anápolis (GO) telefona esporadicamente, perguntando sobre a menina, abençoando-a.

Cacilda é uma católica fervorosa, mas, como diz a pediatra Márcia, ela é simples, tem a família organizada e também não faz apologias e nem espera um milagre no caso da filha. “Ela (Cacilda) é esclarecida, sabe dos problemas da filha, não é alienada”, informa a médica. “A mãe não é amargurada, triste ou solitária; está muito segura e só ela sabe o que a filha sente”, completa Márcia.

Em tempo, Marcela desencarnou perto de completar 2 anos de vida. Penso que, hoje, minha colega Márcia, depois de conviver com Marcela, tenha mudado seu ponto de vista em relação ao aborto. E, para finalizar o assunto, vamos a uma carta psicografada por um bebê anencefálico:

Uma cartinha para meus pais

Oi, papai! Oi, mamãe! Tudo bem?

Sou eu, Vitória, aquela que só ficou um pouquinho na Terra e voltou logo para cá. Quando eu estive aí, não tive como agradecer. E estou fazendo agora.

Mamãe, obrigado por me deixar ficar com você por oito meses, nunca mais os esquecerei. Foram muito importantes para mim, mesmo sabendo como foram difíceis pra você. Eles aqui estão dizendo que aí na Terra o pessoal ainda não sabe como é importante esse período que a gente fica na barriga da mamãe.

Obrigado, papai e mamãe, por vocês me darem um nome, por vocês terem levado meu corpinho e colocado junto com o vovô Pedro e a vovó Iara. Eu soube que eles aqui ficaram muito felizes com vocês. Obrigado por terem me acariciado desde o momento em que eu cheguei até o momento em que eu fui embora.

Obrigado, papai e mamãe, por vocês não terem tido vergonha de mim e por terem me mostrado pra todos os amigos e parentes e com o papai dizendo: “Esta é a minha Vitória, a minha filha querida que veio para ficar um pouquinho. Só o tempo necessário para a gente matar as saudades. Um dia, eu sei, irei me reencontrar com ela, aqui novamente ou lá, linda e perfeita como Deus a criou! Obrigado, meu anjo, pela oportunidade de ter convivido com você por quatro dias. Eles foram muito importantes para mim!”

E, por fim, agradeçam ao Dr. Oswaldo, o médico que desde o começo da gravidez deu a maior força pra vocês e pra mim também. Sabe, mamãe, o que eu vou falar é meio segredinho, mas toda noite, quando ele dormia, nós ficávamos conversando bastante. E foi ele que me explicou algumas coisas que eu ainda não entendi muito bem, mas eu sei que foram muito importantes pra todos nós. Aqui já me disseram que sem ele as coisas teriam sido bem mais difíceis. Dá um beijão nele por mim, tá, mamãe?

Agora eu preciso ir. Qualquer dia desses, eu volto pra conversar mais com

vocês. Saudades! Vitória.

Doação de órgãos

Com o entendimento da lógica espírita, fica o indivíduo cômscio de seu dever perante as leis do Criador, podendo, assim, fazer sua opção de maneira mais segura, no que diz respeito a esse assunto, ainda tão controverso.

Ficamos com essa certeza lendo algumas obras como Nossa vida no além, de autoria da Dra. Marlene Nobre, contando um caso psicografado por Chico Xavier. Citaríamos como exemplo o caso do jovem Wladimir César Ranieri, que, após cometer o lamentável ato contra a própria vida, relata seu sofrimento nas esferas espirituais. O ferimento implicava importante lesão no perispírito, de onde exalava fluido tal qual verdadeira hemorragia, que lhe era extremamente molesta. Recebe, então, a notícia, por meio de médicos espirituais, que um pequenino tampão havia fechado tal lesão. A surpresa maior ficaria para o momento em que o médico explica a ele que tal tampão nada mais era do que a córnea que ele havia doado, e que a receptora da córnea, com suas preces, havia, sem o saber, realizado esse maravilhoso ato de amor fraterno.

Já sabemos, por relatos de irmãos desencarnados, que existe um grau variável de repercussão perispirítica, por vezes algo molesta, na entidade doadora. Porém, arriscaríamos a perguntar em relação ao custo-benefício: será que nós, espíritas, teoricamente conhecedores da imortalidade da alma, do mecanismo regenerativo da dor e da máxima caritativa kardequiana, devemos recusar essa oportunidade ímpar de assistência fraterna?

Ou, como afirmou nosso querido Chico Xavier: desde que seja realizada com amor, sem aguardar gratidão alguma e que o grau de evolução da criatura faça com que a noção de posse não a preocupe, a doação de órgãos não ocasionará qualquer dano a seu perispírito. Que tal seguir o Chico?

Loucura

A crença na existência do espírito e, principalmente, na reencarnação faria com que a visão psiquiátrica se expandisse sobremaneira, entendendo e trabalhando melhor uma série de distúrbios da personalidade humana que sabidamente não tem origem nesta existência.

Com esse enfoque, mudando-se os atuais paradigmas, novas terapias seriam incorporadas ao arsenal terapêutico, visando a um real tratamento etiológico e, dessa maneira, libertar-se-iam muitas criaturas submetidas à reclusão e a terapêuticas que, como se sabe, em alguns casos, não apresentam resultado algum, chegando mesmo a agravar o processo de base.

Sobre esse aspecto recomendaríamos a leitura, dentre outros livros, de *A loucura sob novo prisma*, do doutor Adolpho Bezerra de Menezes, que, com muita lucidez em sua época, já percebia a visão distorcida da doença mental, apontando que uma relevante quantidade de pacientes são portadores de processos obsessivos severos e a doutrinação do espírito obsessor com certeza um melhor resultado traria. Em relação a isso, recomendamos também os estudos e trabalhos mais recentes do Dr. Nubor Facure, professor de Neurocirurgia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), fundador do Instituto do Cérebro, em Campinas (SP).

[7 Polidrâmnio. Complicação na gravidez, que se caracteriza pela elevada quantidade de líquido amniótico.](#)

[8 Anencéfalo. Manual de neurologia infantil, de Aron Diamant e Saul Cypel.](#)

[9 Shewmon, 1988.](#)

[10 Shewmon, 1989.](#)

[11 Plows, WC. Reconsiderations of AMA opinion on anencephalic neonates as organ donors. Jama. V. 275, Issue 6, 443-444, feb: 14, 1996.](#)

12 Andonotopo, W. Kurjak, A., Ivancic-Kosuta, M. Behavior of anencephalic fetus studied by 4D ultrasound. J. Matern Fetal. Neonatal Med, 2005; 17: 165-168.

13 Calzolari, F., Gambi, B., Garani, G., Tamisari, L. Anencephaly: MRI findings and pathogenetic theories. Pediatr Radiol, 34: 1012-1016, 2004.

14 Schmamm, J.D., Sherman, C. The cerebellar cognitive affective syndrome. Brain, 2002, 121, 561-579.

15 Marlene Nobre, obra citada.

16 COSTA, Sérgio Ibiapina F. “Anencefalia e Transplante”. São Paulo: Revista da Associação Médica Brasileira, jan./mar. 2004, v. 50, n. I, p. 10.

17 Praxedes, H. Carta ao Conselho Federal de Medicina. 10 set. 2004. Beslan é nome de cidade na Rússia em que uma escola foi ocupada por terroristas, os quais mantiveram crianças e familiares (pais, mães e avós) como reféns, sob ameaça de bomba. N.R.

18 Diamond, E. F. Management of a pregnancy with an anencephalic baby. Anencephaly, Selected Medical Aspects, Hasting Center Report. 18:11, 1988.

Eutanásia, distanásia e ortotanásia

Abrandai os últimos sofrimentos quanto esteja em vós; mas guardai-vos de abreviar a vida, não fosse senão de um minuto, porque esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro.

São Luís, Paris, 1860

O tema é complexo, envolve acalorados debates e também longas questões judiciais em todo o mundo, como o caso de Terri Schiavo, nos EUA, da italiana Eluana Englaro e da francesa Chantal Sebiré. Dos grandes filósofos, Sócrates era a favor; Aristóteles, contra. Na Índia, os doentes incuráveis eram atirados ao Rio Ganges depois de se lhes vedar a boca e as narinas com lama sagrada.

Na Roma Antiga, os césores decidiam com o dedo polegar, para cima ou para baixo, a sorte dos que estavam na arena. Ao contrário do que a maioria de nós imagina, o polegar para baixo era o gesto misericordioso livrando a pessoa ferida de um longo sofrimento que sempre terminava em sua morte.

Entre os espartanos, os recém-nascidos deformados e também os anciãos que não mais serviam aos propósitos guerreiros eram lançados do alto do Monte Taijeto. O rei Saul, de Israel, gravemente ferido, solicitou a seu fiel escudeiro que lhe tirasse a vida para não cair nas mãos dos filisteus. Napoleão ordenou a seu médico, Desgenetes, que apresasse a morte dos soldados pestilentos agonizantes. Este respondeu que o seu dever não era apressar a morte, e sim o de conservar a vida. Algumas tribos indígenas levam seus doentes incuráveis e anciãos para dar um “passeiozinho na montanha”, e, lá no alto, dão um sutil empurrão no infeliz.

Jesus, ao percorrer a Via Dolorosa, rumo ao Gólgota, antes de ser crucificado, recusa-se a beber o vinho da morte (uma mistura de vinagre, fel e raízes de mandrágora) que, na época, era um potente anestésico. A verdade é que, na eutanásia, temos um problema filosófico-conceitual. O entendimento sobre a dor e a morte varia de religião para religião e de indivíduo para indivíduo.

Nos EUA, o Dr. Jack Kevorkian, apelidado Dr. Morte, inventou uma máquina que ajuda as pessoas a praticar o suicídio domiciliar. Trata-se de três drogas que são administradas em sequência. A primeira tira a consciência; a segunda paralisa a respiração, e a terceira faz o coração parar de bater. Simples e indolor.

Seria o Dr. Kevorkian um serial killer? Claro que não. Em suas declarações, ele se dizia indignado ante o sofrimento das pessoas. “Se o doente é terminal e não tem chance de sobrevivência, por que deixá-lo sofrer?”, argumentava. Assisti ao filme sobre sua vida, magistralmente interpretado por Al Pacino, e tive certeza de seu bom caráter. Agia com a melhor das intenções. Ele apenas não tinha consciência do caráter regenerativo da dor (que falaremos em outro capítulo) e das repercussões espirituais do ato do suicídio. Era um ignorante espiritual. Só isso. E será que nós sabemos tudo que está por detrás das coisas?

Tony Bland, gravemente ferido no Estádio de Liverpool, em 1989, foi mantido em estado vegetativo por quatro anos. Em 1993, ocorreu a primeira autorização legal na Inglaterra para que fossem desligados os equipamentos que o mantinham respirando. O paciente foi a óbito. Com Andrew Devine, outra vítima entre torcedores pisoteados no mesmo estádio de Liverpool, o desfecho foi diferente. Os aparelhos foram desligados, mas ele não morreu. Foi para casa e recobrou a consciência. Seu advogado atribuiu isso ao amor e dedicação de seus pais.

Recolhemos ainda, a título de ilustração, estes relatos extraídos do livro Fatos da vida, de Brian Clowes, Ph.D, tradução da Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família, Capítulo V.

Pesquisadores médicos têm realizado numerosos estudos para determinar quantas pessoas no denominado coma irreversível voltaram, de fato, desse estado. A pesquisa com um grupo de 84 pacientes, considerados em estado vegetativo persistente, mostrou que 41% recuperaram a consciência dentro de seis meses e 58% recuperaram a consciência em três anos.

Outro estudo, com 26 crianças que se encontravam em coma havia doze anos, constatou que três quartos eventualmente recuperaram a consciência. Um outro estudo constatou que um terço dos 370 pacientes em EVP por até um ano teve recuperação suficiente para voltar a trabalhar.

Num caso dramático, os médicos atestaram a morte cerebral comatosa de um vovô de 79 anos, Harold Cybulski, de Barry's Bay, Ontário. Estavam prontos para desligar os sistemas que o mantinham vivo enquanto a família dava seu último adeus. Mas, quando o seu neto de 2 anos de idade correu para dentro do quarto e gritou "Vovô!", Cybulski acordou, sentou-se e pegou o netinho no colo. Seis meses depois, estava levando uma vida completamente normal, inclusive dirigindo o novo carro que planejava comprar antes de ter entrado em coma. Os médicos de Cybulski não conseguiram dar qualquer explicação para sua recuperação instantânea.

Nós, estando médicos nesta encarnação, devemos lembrar que, muitas vezes, o paciente que solicita a própria morte, após ter uma longa conversa com seu médico, que lhe passa carinho, amor e compreensão, muda de ideia. Pergunta-se: esse desejo de morrer não será por que sente falta desses atributos em seu médico e familiares? Em síntese, a eutanásia não seria apenas o reflexo da medicina desumanizada, ou seja, um meio fácil de nos livrarmos dos problemas?

Por enquanto, aceitamos abreviar a vida dos incuráveis. Mais tarde, do que não seremos capazes? Não seria isso apenas o princípio da banalização da morte? Vamos ao que diz a Carta de Princípios da Associação Médico-Espírita do Brasil, de cuja redação tive a honra de colaborar:

Em relação à eutanásia, à distanásia e à morte natural, manifestamo-nos:

1) - Contrariamente a qualquer meio intencional que antecipe a morte natural do ser humano, seja ativa ou passiva, ou pelo suicídio assistido.

2) – Contrariamente à distanásia, por entendermos tratar-se de um prolongamento inútil da vida, por uma obstinação terapêutica ou diagnóstica, através de meios artificiais que não trazem benefícios imediatos ao paciente, levando-o a uma morte agoniada, com muito sofrimento orgânico, psíquico e espiritual.

3) – Favoravelmente à ocorrência da morte natural, a que se dá no tempo certo. Compete-nos respeitar a autonomia do paciente — suas crenças, medos, desejos e esperanças —, oferecendo-lhe apoio médico, psicológico, religioso e familiar,

que lhe possibilite morrer sem dor e viver, com dignidade, seus últimos instantes de vida terrena. Comprendemos o processo de morrer como uma fase importante para o aperfeiçoamento do espírito, repleto de experiências enriquecedoras, tanto para o médico, quanto para o paciente, sobretudo quando ambos têm olhos voltados para a realidade da vida imortal.

São Paulo, 28 de maio de 2005.

Diante deste tema, notamos que a ótica espírita talvez mostre um dos seus maiores benefícios, pois faz com que entendamos melhor que exercemos um mandato, por vezes, imposto por nós mesmos, e que a dor ainda faz parte do estágio evolutivo do planeta, como nos mostrou Jesus no seu Calvário. Antes de tudo, essa dor deverá ser interpretada e decodificada como terapia benéfica, à medida que resgata atuais ou antigos débitos. E ainda, antes de tudo, é necessária para nos levar à reflexão. Aliás, nós, espíritas, ainda necessitamos melhor entender a importância da dor.

Sob tal visão, o conceito de morte por compaixão, que é o significado etimológico para a palavra eutanásia, cai por terra, quando compreendemos que a encarnação é importante até o último instante, processo em que os liames físicos que unem o perispírito ao corpo vão-se desligando aos poucos. Se esse processo natural é rompido, grave perturbação espiritual pode ocorrer àquele que deixa a Terra.

Não esqueçamos de que a eutanásia que solicitamos ser praticada para nos livrar do sofrimento talvez possa nos ser cobrada, no mundo espiritual, como suicídio. E se solicitamos a outra pessoa que pratique tal ato, transformamos essa pessoa em um homicida, o que, com certeza, agravará nossa falta. Pode ocorrer, em alguns casos, o que popularmente chama-se “a melhora da morte”, isto é, pessoas que, muitas vezes, em coma superficial e mesmo profundo, recobram por alguns instantes a consciência.

Conhecemos um caso aqui, na cidade de Santos. Um homem em coma profundo, desenganado pelos médicos e já tendo recebido inclusive a extrema unção, repentinamente acorda e pede que alguém vá buscar seu irmão que não via havia 50 anos por terem brigado. O irmão chega, eles conversam por cerca de 30

minutos, reconciliam-se, e ele desencarna com um sorriso nos lábios.

Quantos problemas não são resolvidos nesses instantes finais? Quantas querelas pessoais, que muitas vezes transcendem a essa encarnação, são colocadas a termo? Quantos processos obsessivos pretéritos ou presentes não são solucionados? E ainda: quantos processos obsessivos futuros não serão evitados apenas com esses breves instantes daquilo que poderíamos chamar de reconciliação final? Como vemos, a questão é complexa e leva-nos à meditação.

Em tempo: a vida é um bem outorgado por Deus, isto é, não nos pertence. A maioria das religiões condena o suicídio. Sendo assim, se não podemos dispor nem de nossa própria vida, o que dirá da vida dos outros, no caso da eutanásia? Parece claro, não?

Na França, no século passado, um médico vê sua filhinha ser acometida de difteria, uma doença infecciosa praticamente fatal em todos os casos, na época. Tomado pelo desespero ante seu sofrimento e sabedor da gravidade da doença, resolve praticar a eutanásia.

Ao chegar à casa, após o sepultamento, recebe o seguinte telegrama: Calma. Tenha fé. Estou enviando para você o soro antidiftérico, que acabo de descobrir, para curar a difteria. Um abraço. Roux. O remetente era nada menos do que o descobridor do soro antidiftérico.

Lembremos a mensagem que nos enviou o espírito São Luís, em Paris, no ano de 1860: “O materialista, que não vê senão o corpo e não considera a alma, não pode compreender essas coisas; mas o espírita, que sabe o que se passa além do túmulo, conhece o valor do último pensamento. Abrandai os últimos sofrimentos quanto esteja em vós; mas guardai-vos de abreviar a vida, não fosse senão de um minuto, porque esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro.”

Lembro que, em minha formatura, eu disse: “A ninguém darei, para agradar, remédio mortal, nem conselho que induza à perdição”.

Será que esquecemos o juramento de Hipócrates?

Moral ou legal?

A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Fundamenta-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus.

Allan Kardec

Na pré-história, tínhamos que matar para não morrer. Era uma questão de sobrevivência. Mas não precisamos ir tão longe. Lembrem-se dos filmes de faroeste? Lembro-me de um, chamado “Terra sem Lei”. Não existia ordem. Então, criou-se um conjunto de regras denominado Lei. E aí apareceu a figura do xerife com uma reluzente estrela de latão, dourada, no peito. Pronto. Quem desobedecer à lei, vai pro xilindró!

A maioria dos terráqueos não faz a diferença entre moral e legal. Não há problema. Recorramos ao “pai dos burros”. Legal: 1. referente ou conforme a lei; lícito; legítimo; permitido 2. Bras.pop. Certo; em ordem; 3. Bras.gir. Palavra que exprime numerosas ideias apreciativas: ótimo, perfeito, leal, digno etc. Moral: 1. Conjunto de regras de conduta ou hábitos, julgados válidos, quer de modo absoluto, quer para grupo ou pessoa determinada; que explica, disciplina e ensina; as leis da honestidade e do pudor. Moralidade. Ética: ciência da moral.

Vamos à realidade planetária. Governo americano, em comunicado à ONU, atesta legalidade no ato de invadir o Iraque à procura de armas químicas (mais tarde, o mundo inteiro soube que não acharam uma arma sequer). Na Síria, centenas de crianças foram mortas com gás Sarin. A ONU afirma que não tem poder legal para interferir. Nos campos de refugiados da Somália, centenas de pessoas, principalmente crianças, morrem diariamente de fome e desnutrição. A comunidade internacional aponta não ter poder legal para interferir na soberania de qualquer país. Brasileiro é morto por engano pela polícia inglesa. As autoridades dizem que legalmente estavam defendendo o país contra provável terrorista. Os culpados foram absolvidos.

E agora vamos rever alguns argumentos de Adolf Hitler para justificar o holocausto contra milhões de judeus durante a II Grande Guerra. “Tenho o direito legal de defender meu país contra o domínio externo sobre nossa soberania” Ou ainda: “Os judeus não são pessoas dignas; logo, é lícito exterminá-las.” Querem mais? A terrível Noite de São Bartolomeu, na França, em que pereceram 70 mil protestantes, foi assim justificada. “Matar huguenotes é lícito em nome de Deus”. E nas Cruzadas: “Matar os que não são cristãos é lícito em nome de Cristo”.

E há outras: “Em nome de Deus, temos o dever legal de exterminar todos os hereges”, afirmou Torquemada, padre espanhol católico, líder da Inquisição. “Temos direito legal sobre Jerusalém”, exclamam árabes, judeus, muçulmanos, dentre outros, num conflito milenar que já ceifou milhares e milhares de vidas, mesmo depois de criado, há 70 anos, o Estado de Israel, pelo chanceler da ONU, o brasileiro Oswaldo Aranha, em maio de 1948. Pergunta-se: E a Palestina não pode ser legalmente reconhecida?

Um amigo, juiz de Direito, disse-me certa feita o seguinte: “Em minha vivência profissional, percebi que todo marginal, em qualquer idade, sabe o que é certo e o que é errado. Não precisa ninguém para nos ensinar isso. Todos nós, sem exceção, nascemos com essa intuição”. Então, ocorreu-me que realmente é muito raro sabermos de crianças assassinas. Elas brigam, mas não se matam. “Algo” diz a elas que podem bater (de leve), podem morder (também de leve), mas não podem matar. Certo? (Mesmo que a faca esteja em sua frente.)

Querem o top de linha do problema? A pena de morte. É legal. Mas é moral? Legalmente falando, você pode tirar a vida de uma pessoa? Não pretendemos entrar em questões filosóficas sobre o assunto... Se o indivíduo é um monstro sanguinário ou não. Se é, deixe-o encarcerado pelo resto da vida. A propósito, sobre o assunto, vejam o que diz a revista Época, de março de 2003:

Entre 1973 e 2001, descobriu-se que 89 prisioneiros no corredor da morte eram inocentes. Nenhum deles chegou a ser executado. Em Illinois, 12 detentos foram executados entre 1997 e 2000. No mesmo período, outros 13 foram inocentados e libertados. Diante de tal proporção de erros judiciais, o governador George Ryan decidiu, em janeiro de 2000, suspender todas as execuções.

Os exames de DNA têm solucionado muitos casos de homicídio. Todavia, nem todos os detentos acusados de crimes puníveis com a pena de morte têm acesso a esses testes, que são caros. No Estado de Illinois, apenas 304 dos 27 mil assassinatos cometidos entre 1978 e 2001 resultaram em sentença de morte. Essa defasagem torna a pena capital uma espécie de loteria às avessas, em que vida e morte ficam ao sabor da sensibilidade dos jurados.

O jogador de futebol americano O. J. Simpson assassinou sua mulher. Até sua mãe sabe disso. Mas ele foi inocentado por uma deficiência técnica na coleta do sangue encontrado. Foi legal. Mas, foi moral?

Vejamos o que a codificação espírita diz sobre o assunto.

Moral é a regra de boa conduta e, portanto, da distinção entre o bem e o mal. É fundamentada sobre a observação da lei de Deus. O homem conduz-se bem quando faz tudo visando o bem e para o bem de todos, porque então observa a lei de Deus.¹⁹

Ao que se segue o comentário:

Ao mesmo tempo em que todos os seres vivos progridem moralmente, progridem materialmente os mundos em que eles habitam. Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diferentes fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos destinados e constituí-lo, vê-lo-ia a percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas de degraus imperceptíveis para cada geração, e a oferecer aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável, à medida que eles próprios avançam na senda do progresso. Marcha assim, paralelamente, o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, o dos vegetais e o da habitação, porquanto nada na Natureza permanece estacionário.

Eu penso que haverá um dia na Terra no qual as leis não mais existirão, porque o indivíduo saberá distinguir o certo do errado. A moral perfeita estará incorporada a seu ser de maneira tão forte que seu instinto natural lhe guiará de forma a não errar. Enquanto não chegamos a esse estágio, devemos tentar seguir as orientações que nos são passadas pelo Evangelho do Cristo e pela doutrina espírita. Todos os dias agradeçamos a Deus por nos ter dado a oportunidade desta encarnação.

[19 O Livro dos Espíritos. Questão 629](#)

A morte e o morrer

Neste livro, transcrevo simplesmente as experiências de meus pacientes que me comunicaram suas agonias, expectativas e frustrações. É de se esperar que outros se encorajem a não se afastar dos doentes “condenados”, mas a se aproximar mais deles para melhor ajudá-los em seus últimos momentos.

Elizabeth Kübler-Ross – autora do livro A morte e o morrer

Fomos educados com a seguinte ideia: Após a morte, podemos ir para um destes três lugares: o céu, o purgatório ou o inferno. Ponto final! A educação médica contemporânea, em resumo, diz ao médico em formação mais ou menos o seguinte: Ganhe todas as batalhas com sua inteligência, destreza e conhecimento. Afinal, você está sendo preparado apenas para vencer a morte, isto é, negue sempre a morte. Estes são os mandamentos: negação, racionalização e isolamento das emoções. Numa palavra, vamos matar a morte!

Ao fazer meu mestrado, tive uma ideia. Como Santos é uma cidade onde existe muita inflamação dos ouvidos decorrente de banhos de piscina, resolvi colher água desses locais e examinar secreções do ouvido externo desses pacientes para tentar correlacionar a doença e as águas. Desisti. E ainda não sei bem o porquê. Parti para o segundo projeto-piloto: O estudo da musculatura do pálato em pacientes portadores de roncos e síndrome da apneia obstrutiva do sono. Mais uma vez desisti, sem saber a razão.

Certo dia, na entrada de uma UTI presenciei a seguinte cena: O médico veio dar notícia à família de que o doente havia falecido. Nesse instante, o médico entrou em choro convulsivo, dizendo: “Eu perdi a batalha! Infelizmente, Augusto faleceu. A morte venceu!” Ele era amigo da família e do paciente. Em vez de consolar a família, foi por ela consolado.

Naquele momento, achei que alguma coisa estava errada. Parti, então, para o meu terceiro projeto-piloto. Desenvolvi um questionário, ajudado por minha saudosa e inesquecível orientadora Eliete Pitágoras Maximino, para ser

respondido por estudantes de medicina. O tema era morte: de que forma a encaravam; como se sentiriam ante a morte de seu paciente; como dariam a notícia à família, entre outras questões.

O resultado foi estarrecedor. Os futuros médicos não tinham a menor familiaridade com o tema, apesar de ser a única certeza de nossas vidas. Culpa deles? Absolutamente! Nunca haviam sido preparados para isso. Entre as respostas, encontramos: “Não tenho a menor ideia!”; “Deus que me livre!” e até “Sairia correndo pelo corredor”.

Lembrei-me do filme Patch Adams, baseado em fatos reais, contando a história de vida de um médico norte-americano que resolve se insurgir contra o establishment, na relação médico-paciente, estabelecido nas faculdades de medicina. Finalmente, fiz e defendi a tese: O impacto do tema morte ante os acadêmicos de medicina.

E também da doutora Elisabeth Kübler-Ross, quando escreveu seu livro: *On death and dying (A morte e o morrer)*.²⁰ Ela relata que a pessoa ao receber a notícia de que é portadora de uma doença grave, possivelmente mortal, passa por quatro fases. Negação, raiva, negociação e aceitação. Na primeira fase ela pensa: “Esse diagnóstico com certeza está errado. Vou procurar outro médico!” Uma vez confirmado o diagnóstico, ela migra para a segunda fase: raiva: “Deus não podia fazer isso comigo! Afinal de contas, eu acho que sou uma pessoa legal! Não mereço isso!” Após passar a raiva, vem a negociação. “Deus, eu juro em Teu nome que, se o Senhor me curar, daqui para frente serei a pessoa mais legal do mundo!” Como Deus, nesses momentos, deve sofrer de surdez temporária, o doente parte para a quarta fase: a aceitação. Revê sua vida, o que de bem ou mal aconteceu e, se a reflexão for boa, verá que entre erros e acertos valeu a pena. Então, vai embora em paz. O legado da Dra. Elisabeth é incomensurável, tendo em vista que, após isso, a medicina reviu e mudou alguns paradigmas. Todavia, será fácil morrer, ou estar morrendo, mesmo para o espírita?

Recomendo a vocês o livro *Voltei*, ditado por Irmão Jacob (pseudônimo de Frederico Figner) e psicografado por nosso querido Francisco Cândido Xavier. Frederico, que foi dirigente espírita “de carteirinha” e extremamente dedicado à caridade, escreve:

Enquanto no corpo, não formulamos a ideia exata do que seja a realidade além da morte. Ainda mesmo quando o espiritismo nos ajuda a pensar seriamente no assunto, de balde tentaremos calcular relativamente ao futuro, depois do sepulcro. Antes da passagem, tudo me parecia infinitamente simples!

Não passaria a morte de mera libertação do espírito e mais nada. Seguiria nossa alma para esferas de julgamento, de onde voltaria a reencarnar, caso não se transferisse aos mundos felizes.

Compreendo hoje que aceitar essa fórmula seria o mesmo que menoscar a existência humana, declarando-se que o homem apenas renascerá na Terra, respirará entre as criaturas e, em seguida, se libertará do corpo de baixa condensação fluídica.

Quantos conflitos, porém, entre o aparecimento e a desagregação do veículo carnal? Quantas lições entre a infância e o declínio das forças físicas?

Reconheço, presentemente, que as dificuldades não são menores para a alma liberta dos mais pesados impedimentos do plano material. Entre o ato de perder a carcaça de ossos e a iniciativa de reencarnação ou de elevação, temos o tempo, e o conteúdo desse tempo reside em nós mesmos. Quantos óbices a vencer, quantos enigmas a solucionar?

Acreditei que o fim das limitações corporais trouxesse inalterável paz ao coração, mas não é bem assim.

Oh! Meus amigos do espiritismo, que amamos tanto!

É para vocês – membros da grande família que tanto desejei servir – que grafeci estas páginas, sem a presunção de convencer! Não se acreditem quitados com a Lei, por haverem atendido a pequeninos deveres de solidariedade humana, nem se suponham habilitados ao paraíso, por receberem a manifesta proteção de um amigo espiritual! Ajudem a si mesmos, no desempenho das obrigações evangélicas! Espiritismo não é somente a graça recebida, é também a necessidade de nos espiritualizarmos para as esferas superiores.

Falo-lhes hoje com experiência mais dilatada.

Depois de muitos anos nas lides da doutrina, estou recompondo a aprendizagem, a fim de não ser o companheiro inadequado ou o servo inútil.

Guardem a certeza de que o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo não é apenas um conjunto brilhante de ensinamentos sublimes para ser comentado em nossas doutrinações – é Código da Sabedoria Celestial, cujos dispositivos não podemos confundir.

Agradeço, sensibilizado, a colaboração de Emmanuel e de André Luiz, nos registros humildes de meu refazimento espiritual, nestas páginas que endereço aos irmãos de ideal e serviço.

E pedindo a Jesus nos fortaleça a todos, no trabalho a que fomos conduzidos, de modo a entendermos, além de nós, as bênçãos que nos felicitam, rogo também ajuda para mim mesmo, a fim de que a Luz Divina me esclareça, e auxílio, dentro do novo caminho de trabalho e elevação, porque, se a experiência carnal amadurece e passa, a vida prossegue e a luta continua.

Para quem não sabe, nosso Irmão Jacob achava que, ao daqui partir, chegaria todo iluminado no Mundo Maior. Descreve sua luta a fim de adquirir uma “luzinha”, por menor que fosse. Isso me deixou de certa forma impressionado.

Apesar de tudo, ao terminarmos este capítulo, voltamos ao nosso Irmão Jacob, quando ele deixa uma mensagem de otimismo para todos nós.

Cada espírito é um mundo vivo com movimento próprio, atendendo às causas que criou para si mesmo, no curso do tempo, gravitando em torno da Lei Eterna que rege a vida cósmica. O processo de educação do Ser para a Divindade tem sua base no reencarnacionismo e no trabalho incessante.

Ninguém ilude as leis universais. Ama sem paixão, espera sem angústia, trabalha sem expectativa de recompensa, serve a todos sem perguntar, aprende as lições da vida sem revolta, humilha-te sem ruído ante os desígnios superiores, renuncia aos teus próprios desejos, sem lágrimas tempestuosas. E a vontade justa e compassiva do Pai iluminar-te-á constantemente o coração fraterno e o caminho redentor!

[20 Veja capítulo II, Experiências de Quase-Morte.](#)

As lições do André

André Luiz vem contar a você, que a maior surpresa da morte carnal é a de nos colocar face a face com a própria consciência, onde edificamos o céu, estacionamos no purgatório ou nos precipitamos no abismo infernal.

Emmanuel – Nosso Lar

E o que nos conta nosso querido André Luiz? Médico na Terra, o mais famoso na época, desencarna no Rio de Janeiro. Considerado suicida inconsciente (bebia e fumava em demasia), fica quase dez anos no umbral, padecendo sofrimentos horríveis, até ser resgatado por entidades amigas. Internado no hospital espiritual Nosso Lar (que dá título à obra Nosso Lar), dorme profundamente.²¹ Acorda sem saber onde está. Refere que, várias vezes ao dia, é submetido a um tratamento com imposição das mãos (passe). Aos poucos, vai sendo informado dos acontecimentos. Avesso às lições espirituais, fica desconcertado com sua nova situação. Entidades mais evoluídas ensinam-lhe novos assuntos. Orgulhoso, tem permissão para visitar seu lar na Terra. Vê sua companheira casada e seu nome esquecido por todos os filhos, menos um, que ainda nutria amor pelo pai. Em um acesso de cólera, vislumbra sua estada no umbral.

Refeito do trauma, percebe seu rival gravemente enfermo. Pensa, elucubra e parte para a ação, fluidificando a água que está na cabeceira do doente. Salva sua vida e galga um patamar a mais de onde jamais retrocederia. Perdoa aos filhos ingratos. Revê sua mãezinha (que se encontrava em região mais evoluída). Aceita prontamente seu novo viver, elabora rapidamente seu futuro e parte para o trabalho. Desce do pedestal para aprender a lição da humildade, virtude que pouco apreciara na existência terrena, e angaria benesses que lhe darão o direito de, junto com Emmanuel, escrever suas ideias, por meio da maravilhosa psicografia de Chico Xavier. Retorna ao Nosso Lar, desta feita não mais como paciente, mas como morador.

Apesar de muitos anos no umbral, evolui rapidamente, mesmo sem ter sido tão religioso, o que nos faz questionar até que ponto a religião é importante para o

nosso progresso espiritual e também nos faz pensar na diferença entre religião e religiosidade. Podemos estar vinculados a uma denominação religiosa, mas ainda assim permanecer distantes de Deus! (Abordaremos este assunto em capítulo específico).

21 O sono reparador, conforme assinala Marlene Nobre no livro Nossa vida no Além. Editora FE. Assim escreve a querida e saudosa doutora Marlene: “Se há uma unanimidade nos 500 testemunhos post mortem, sem dúvida, é esta. Praticamente todos mencionaram um sono profundo, compulsivo, irresistível, pesado, suave, arrasador, no limiar da vida nova. Vamos a apenas um exemplo: Carlos Alberto Santoro, 20 anos, acidente de avião, conta: “Chorei dentro de uma imobilidade que eu não saberia descrever, e, em seguida, notei que mãos de enfermagem me anestesiavam. Era o sono, o sono da bênção, porque, entre a morte do corpo e o renascimento na vida espiritual, Deus colocou um desmaio providencial”.

De quem é a culpa?

A saúde é, em essência, harmonia de vibrações.

Richard Gerber

Interessante essa ideia em epígrafe, do dr. Richard Gerber. Se usarmos de um artifício filosófico lógico, podemos inferir, então, que a doença é, em essência, desarmonia de vibrações. Sabemos, por meio de numerosos relatos provenientes do mundo espiritual que nossos pensamentos têm a capacidade de se materializar. São o que eles chamam de formas-pensamento. Também dizem que, se pensamos bem, nossos pensamentos adquirem boa forma. E que, se pensamos mal, as formas também são igualmente ruins.

Lembram-se do Hardy, uma hiena depressiva e mal-humorada, mostrada em um desenho animado, que andava com um leão? Pois bem, ao conhecer o conceito de saúde enunciado por Richard Gerber, logo associo à imagem de Hardy andando com uma nuvem escura e trovejante em cima de sua cabeça. Aquela nuvem o acompanhava por onde fosse.

Nossos amigos de lá dizem que nosso planeta é composto por uma maioria esmagadora de “Hardies”. E também falam que a atmosfera fluídica da Terra é composta pela média aritmética do pensamento de cada um de nós. Sendo assim, como vamos evoluir como seres imortais que somos se não sabemos pensar?

Eles também nos falam que a grande maioria de nossas preocupações é absolutamente irrelevante. Assim, como nós morremos de rir ao ver a ingenuidade das crianças em tenra idade, eles também acham muita graça de nossas ideias. Eles nos consideram infantes espirituais.

E é o que somos. Ou alguém duvida disso? Nossos graves problemas do dia a dia em uma semana não são mais lembrados. Aquilo que hoje parece ser o fim do mundo, na maioria das vezes, não passa de algo passageiro, entre tantos obstáculos que já enfrentamos. Somos todos para-raios. Atraímos os afins. Se

pensamos bem, atraímos os bons. Se pensamos mal, atraímos os maus. Simples, não? Se as coisas não vão bem para nós, a culpa será de quem? Nossa ou d'Ele?

Pessoalmente, não gosto de ouvir “Deus quis assim!” Quem de nós, por pior que seja, deseja mal a um filho? Deus, o Pai Supremo de todos nós, desejaria algo ruim para Seus filhos? Isso seria ilógico e irracional. E não dá para ser ilógico e irracional quando falamos de Deus. Um espírito de alta estatura moral disse: “No dia que o homem aprender a pensar, a Terra deixará de ser um planeta de provas e expiações para ser um planeta de regeneração”. Que acham de começarmos a mudar nossa sintonia mental?

E já que estamos falando sobre o mal pensar, falemos também sobre doença. Será um castigo divino?

Por que adoecemos?

Se os médicos fracassam na maior parte das doenças, é porque tratam do corpo sem a alma, e porque, se o todo não se encontra em bom estado, é impossível que a parte esteja bem.

Sócrates 400 a.C.

Um colega, renomado hematologista, certa vez me disse: — Ricardo, nós nascemos para ficar doentes! Até hoje, penso nisso. Se lá atrás comentamos que Deus jamais seria capaz de adoecer um filho, alguém tem que ser responsabilizado por isso. E quem seria o culpado? Nós mesmos! É o que pretendo mostrar aqui: de que maneira adquirimos nossas doenças.

No livro *Evolução em dois mundos*, psicografado por Chico Xavier e Waldo Vieira, André Luiz nos diz que todas as doenças dificilmente curáveis significam sanções instituídas pela Misericórdia Divina, porta adentro da Justiça Universal, atendendo-nos aos próprios rogos. Gostaria de mostrar a vocês que doença é apenas um aviso sutil de que algo errado está acontecendo conosco e que devemos ouvir a nossa sabedoria interior antes que o pior aconteça.

Contudo, se vamos falar de doença, antes gostaria de conceituar a palavra expurgar. Vejamos mais uma vez o que nos diz o Dicionário: Expurgar 1. Purgar completamente; Purificar. 2. Livrar do que é nocivo ou imoral. Sabemos que somos compostos de vários corpos sutis. Para simplificar, vamos chamar de duplo etérico²². Alguns chamam de aura. Só para lembrar, a medicina, hoje, já reconhece, por meio da física quântica, que possuímos, em nosso corpo, partículas ainda desconhecidas e que parecem não habitar o nosso espaço-tempo. Vivemos em um espaço-tempo positivo. Tais partículas vivem em um espaço-tempo negativo, em um outro mundo dimensional, como previram Einstein e Lorenz.

Possuímos dois corpos. Um é esse que vemos todos os dias; o outro, não o enxergamos. Todavia, ele existe. É formado, também, de matéria, mas uma

matéria diferente, que chamamos quintessenciada. A humanidade o chama de várias maneiras. Nós o chamaremos perispírito. (Veja definição nota de rodapé 3).

Voltando ao duplo-etérico, imaginemos o nosso corpo físico e, em volta dele, várias camadas, como se fôssemos uma cebola. Só para efeito didático (pois existem mais camadas), vamos denominar as camadas de dentro para fora nessa ordem: corpo físico, duplo etérico, corpo astral e corpo mental. Podemos assegurar a vocês que, antes de a doença se manifestar no corpo físico, ela já preexiste nesses corpos sutis, e, quanto mais externamente ela se situa, mais difícil é a sua cura.

E para que serve nosso corpo físico? Eu diria que, dentre outras coisas, também serve para expurgar as doenças. Desse modo, podemos imaginar que a doença mental seria mais difícil de ser expurgada, pois ela se situa no corpo-mental (o mais externo de todos). Também podemos asseverar, por tudo o que já expusemos, que os nossos pensamentos podem produzir saúde ou doença. Depende do que pensamos.

Vamos saber o que diz o espírito Ramatis:

A moléstia orgânica significa que a alma está enferma. O volume de cólera, inveja, luxúria, cobiça, ciúme, ódio ou hipocrisia forma um patrimônio morbopsíquico que deve ser expurgado pelo perispírito através do corpo físico. Essa drenagem de energias deletérias, à qual a medicina dá o nome de doença, reflete erros atuais ou de vidas passadas. É que o espírito localiza os resíduos em um local orgânico vulnerável, na tentativa de sua eliminação tóxica. Ou seja, a doença preexiste à manifestação orgânica.

Infelizmente, a medicina tradicional ainda não entendeu o mecanismo que faz a doença aparecer em nosso corpo. Estamos progredindo com os conceitos da medicina psicossomática, que se encontra, porém, ainda muito longe do ideal.

O interessante é que André Luiz, há 60 anos, já nos mostrou, de maneira clara e inequívoca, como a doença ocorre. Vejamos o que afirma esse espírito, que foi médico na Terra em sua mais recente reencarnação:

Da mente, aclarada pela razão, sede dos princípios superiores da criatura, partem as forças que governam o equilíbrio orgânico, por intermédio de raios ainda inabordáveis à perquirição humana, raios esses que vitalizam os centros perispiríticos, em cujos meandros se localizam as glândulas endócrinas, que, a seu turno, despendem recursos que nos garantem a estabilidade no campo celular.

Como é óbvio, nas criaturas encarnadas esses elementos são os hormônios, que atuam em todos os órgãos do físico, através do sangue. Lógico entender que o governo mental reúne células formando tecidos, que, reunidos, compõem órgãos, partes constituintes do organismo, o qual passa a funcionar, como um todo indivisível em sua integridade, cingido pelo sistema nervoso e controlado pelos hormônios, que, nascidos de impulsão mecânica da mente sobre o império celular, conforme diferentes estados emotivos da consciência, gerando saúde, quando o equilíbrio íntimo lhe preside as manifestações.

Podemos asseverar que a inteligência influenciando o citoplasma, que é no fundo o elemento intersticial de vinculação das forças psicossomáticas, obriga as células ao trabalho que necessita.²³

É realmente inacreditável que este conceito, há tanto tempo enunciado, não tenha sido ainda incorporado pela medicina! André ainda nos ministra uma aula magistral em relação à célula. Que mistérios se escondem por detrás desse minúsculo ser vivo? Ele nos diz, ainda nesse livro, que da mente partem raios ainda desconhecidos, que vão atingir as glândulas endócrinas através dos hormônios, que por sua vez chegarão aos órgãos, mas que tudo isso será mediado pela inteligência, que atingirá o citoplasma da célula, especialmente as organelas, como o complexo de Golgi e o retículo endoplasmático rugoso.

E em relação às mitocôndrias?

É através das mitocôndrias, que podem ser considerados acumuladores de energia espiritual em forma de grânulos, assegurando a atividade celular, que a mente transmite ao carro físico, durante a encarnação, todos os seus estados

*felizes ou infelizes, equilibrando ou conturbando o ciclo de causa e efeito por ela própria, libertadas nos processos endotérmicos, mantenedores da biossíntese.*²⁴

André Luiz nos fala ainda que mitocôndria é responsável pelo acúmulo de energias espirituais, que, dependendo da pessoa, pode torná-la feliz ou infeliz. E aí eu me atrevera a perguntar: seria a mitocôndria a organela responsável pela atuação do duplo-etérico, tendo em vista ser ela a responsável pela oferta de energia aos mecanismos celulares e, portanto, para a vitalidade do corpo físico como um todo?

A reprodução celular, por meio dos cromossomos, sofre uma ação magnética espiritual na reencarnação, que tem interferência no reencarnante, nos seus pais, nos seus mentores e até nos seus obsessores. Isso se dá por meio do centríolo.

Sabemos que o núcleo celular controla todas as atividades celulares e reproduz células idênticas às células-mãe. Quanto a isso, ensina André Luiz:

É no núcleo celular que se mantém a junção das forças físicas e espirituais, ponto esse em que se verifica o impulso mental de natureza eletromagnética, pelo qual se opera o movimento dos cromossomos, num total de 46 na espécie humana (concentrações fluídico-magnéticas especiais, estruturados em grânulos infinitesimais, partilham do físico pelo núcleo da célula e do corpo espiritual pelo citoplasma em que se implantam) cunhando as leis da hereditariedade e da afinidade, dispondo nos cromatídeos, em forma de granulações perfeitamente identificáveis entre o leptotênio e o paquitênio, os genes ou fatores da hereditariedade. Podemos asseverar que a inteligência, influenciando o citoplasma, que é no fundo o elemento intersticial de vinculação das forças psicossomáticas, obriga as células ao trabalho de que necessita. Pela conduta feliz ou infeliz pode acentuar ou esbater a coloração dos programas que lhe indicam a rota, através dos biósforos, ou unidades de força psicossomática, que atuam no citoplasma, conseqüentemente sobre o corpo físico.

Assim, a mente inscreve, através dos cromossomos, as disposições do destino da criatura, caracteres que são constituídos pelos genes, aos quais se mesclam os biósforos, e tomando-os, nesse ponto, como sendo os grânulos de tinta que os

colorem.

Assim o corpo herda do corpo segundo as disposições da mente, que se ajusta a outras mentes, não sendo possível alterar o plano de serviço que mereceu, mas pode pela conduta modificar as dificuldades, através dos biósforos ou unidades de força psicossomáticas que atuam no citoplasma, projetando sobre as células e conseqüentemente sobre o corpo físico os estados da mente, enobrecendo ou agravando sua situação.

Incrível, não é? Quando perguntado sobre o que seriam os biósforos, André respondeu que nós ainda não temos condições de entendê-los. Em resumo, as forças físicas e espirituais, por meio dos biósforos, atuam sobre o citoplasma celular, gerando unidades de forças psicossomáticas que dariam cor aos cromossomos. Tudo isso é mediado pela ação mental.

Sabemos que a aura possui cores distintas em cada pessoa e em cada doença, como nos ensina a sabedoria milenar chinesa e indiana. Seriam porventura esses biósforos os responsáveis por isso? Vejamos ainda o que explica André Luiz sobre o mecanismo que atua em relação aos nossos carmas. A doença cármica se localiza no núcleo celular, mais especificamente nos cromossomos. André assinala que nossa mente poderia atuar sobre os biósforos, gerando saúde. Fico imaginando se o passe, emitindo biósforos, não poderia agir como um pronto-socorro sobre a célula. Não seria esse o mecanismo? Então, no núcleo celular, estariam contidas nossas disposições cármicas. E, no citoplasma, a evolução das doenças cármicas e não-cármicas.

E quanto à epífise ou glândula pineal, que para a medicina ocidental representa um minúsculo feijãozinho, situado no centro do cérebro, que vive latente e só “acorda” na puberdade? Eis o que diz André Luiz:

Ela (a epífise) reativa as forças criadoras no ser humano aos 14 anos aproximadamente. Permanece no período do desenvolvimento infantil em fase de reajustamento, absorvendo novos ensinamentos e reflexos que são ministrados nessa fase da vida, que farão frente ou somar-se-ão às colheitas das vidas passadas, que ressurgirão, de acordo com a vontade, sob fortes impulsos. Por esse motivo, é denominada glândula da vida espiritual.

A epífise funciona como uma usina, fonte geradora de elementos psíquicos ou unidades-força necessárias à fecundação das diversas formas da criação, podendo ser direcionada para fecundação dos mais nobres valores da divindade ou utilizada para a orgia dos prazeres das criaturas terrestres.

Quanto ensinamento! Sabemos que o remorso é um dos maiores entraves para a evolução da pessoa no mundo espiritual. E quanto a esse quesito, ouçamos a opinião desse nobre espírito.

A recordação da falta cria na mente um estado anômalo, que podemos classificar de zona de remorso, em torno do qual a onda viva e contínua do pensamento passa a enovelar-se em circuito fechado sobre si mesma, com reflexo permanente na parte do veículo psicossomático ligado à lembrança das pessoas e circunstâncias associadas ao erro de nossa autoria. O desabafo e a corrigenda mudam esse quadro. Cria-se um nódulo de forças mentais desequilibradas, enquistações de energias profundas, que se transferem de uma vida para a outra, as dívidas cármicas, para resgatar o erro, nas mesmas circunstâncias nas quais patrocinamos a ofensa em prejuízo dos outros. Essas distonias que desarticulam as sinergias do perispírito podem ser agravadas pela ação obsessiva.

Resumindo: zona de remorso, círculo mental vicioso, arrependimento, nódulos de forças mentais desequilibradas, constituem as dívidas cármicas que, por sua vez, podem ser agravadas por obsessores.

E como se dão tais processos patológicos ao longo das reencarnações? Por meio dessa bendita escola, das múltiplas existências, a mente faz uma revisão automática das experiências vividas. Tal fato impressiona magneticamente a estrutura celular, onde ficam registradas as diretrizes físicas e psicossomáticas, gerando saúde ou doença.

Em relação aos suicidas e/ou espíritos malévolos, existe um desajuste no psicossoma (córtex, glândulas de secreção interna, organização emotiva e sistema hematopoiético), ocorrendo perda do controle harmônico do perispírito

(hipertrofia vibratória), que leva ao desajuste da pineal e a uma encarnação compulsória (expurgo) acompanhada de disfunção endócrina e mental (nas lesões congênicas), tudo isso somado a deformidades teratológicas.

E nas infecções, como tudo funciona?

A depressão, assim como todas as enfermidades fisiopsicossomáticas, promove um campo de ruptura celular. Nesse momento, criam-se condições para a invasão microbiana. André afirma que podemos criar anticorpos com oração e disciplinas retificadoras (reforma íntima). Já nos processos obsessivos, ele nos dá o modus operandi. O obsessor produz simpatininas ou aglutininas mentais (mais uma vez ele nos diz que não estamos em estágio evolutivo de compreender seu significado), que atuam sobre o diencéfalo, feixes amielínicos, promovendo a dominação dos neurônios do hipotálamo e córtex frontal. Atingindo o chakra coronário, ocorrerá uma inibição visceral e alteração emocional. Se o processo for muito grave (comando total do obsessor), o obsidiado produzirá “anticorpos antiobsessor”, que poderão levar à sua morte. Além disso, ocorrerão “brechas espirituais” no encarnado, facilitando o ataque dos obsessores, levando à doença.

Assustador, não é? Além disso, existe um processo que André Luiz denomina de contaminação fluídica, significando que o encarnado se sente enfermo, sem o estar. Ainda em relação às nossas doenças, diz ele que as doenças ocorrem porque nossos pensamentos estão em sentido contrário ao pensamento do Criador. Dessa maneira ocorrerá um acúmulo de cargas negativas, com conseqüente aumento de fluidos deletérios.

E aí vem a dor, a chamada dor depurativa, que irá desaguar em duas situações: a) Você elabora o problema. Faz uma reflexão. Muda o padrão vibratório e se cura. b) Você não compreende o problema; não muda seu padrão vibratório, e a doença permanece. Isso pode levar séculos ou até milênios para se resolver. Complicado, hein, gente!

O Brasil tem recebido convidados de diversos países em simpósios sobre o tema medicina e espiritualidade. A grande maioria deles não se identifica como religioso, mas admite possuir religiosidade (mais à frente, dedicaremos um capítulo ao tema). Ao ler as obras de André Luiz, ficam fascinados, a ponto de, a maioria deles, levar as obras para seus países de origem (algumas delas já traduzidas para a língua inglesa).

E aí eu perguntaria: Quantas enfermidades pomposamente batizadas pela ciência médica não passam de estados vibratórios da mente em desequilíbrio? O mesmo André assevera que a doença, como resultante de desequilíbrio moral, sobrevive no perispírito, alimentada pelos pensamentos que a geraram, quando estes persistem depois da morte do corpo físico. Também explica que quase todas as moléstias rotineiras são doenças da ideia, centralizadas em coagulações de impulsos mentais. E que somente ideias renovadoras representam remédio decisivo.

Simple, não é? Na teoria, sim. O difícil, para todos nós, é colocar na prática tais postulados. Ou, como nos fala Emmanuel:

Consagra-te à própria cura, mas não esqueças a pregação do reino divino aos órgãos. Eles são vivos e educáveis. Sem que teu pensamento se purifique e sem que tua vontade comande o barco do organismo para o bem, a intervenção dos remédios humanos não passará de medida em trânsito para a inutilidade.

Eu penso que existem circunstâncias na vida que podem ser modificadas, outras não; e que temos que aceitá-las com resignação, pois fazem parte de um desígnio maior, ainda ininteligível para nós. Contudo, devemos acreditar que não existe efeito sem causa e que nada ocorre sem uma finalidade que sempre concorre para o nosso engrandecimento espiritual.

Vivemos em um mundo ainda de provas e expiações. Como valorizar a saúde sem conhecer a doença? Em síntese, a doença deveria nos remeter à reflexão e modificar nosso padrão de sintonia mental. Isso pode levar uma ou várias encarnações. Depende apenas de nós mesmos.

Em relação ao tratamento, parece bem claro que ele deve iniciar-se pela modificação de nosso padrão mental. Com tal mudança de paradigma, não me parece razoável esperar que só o médico resolva nosso problema. Não somos um carro que levamos ao mecânico, às 8 horas da manhã, dizendo a ele: “O defeito é tal. Conserte-o, que, às 6 da tarde, passo aqui para pegá-lo!”

Nossa máquina trabalha de maneira diferente. Emmanuel nos deixou bem claro isso. No imaginário filme “Minha doença”, somos o ator principal! Se quiserem

conhecer o resumo de tudo o que dissemos, leiam, com atenção, este texto de Gerald Jampolsky²⁵.

Curar é ter consciência de que o perdão é a chave para a felicidade.

Curar é saber que a única realidade do Universo é o amor, e que ele é o mais importante agente de cura que se conhece no mundo.

Curar é confiar na força criativa, que é amorosa e compassiva, e entender que todos nós somos irmãos e nossas mentes e corações estão ligados como se fôssemos um só.

Curar é nos libertarmos do medo da morte, reconhecendo que nossa verdadeira realidade é espiritual; portanto, ilimitada.

Curar significa nos libertarmos do conceito de que nossa identidade está limitada a uma personalidade e a um corpo fadados a, mais cedo ou mais tarde, ser ferido e rejeitado, adoecer e morrer.

Curar é saber que a vida é eterna e que não existe morte, mas apenas fazer despertar em nós mesmos o amor e a caridade.

Curar é se libertar da criança medrosa que existe em nós e fazer despertar a criança inocente que sempre existiu em nós.

Curar é tornar-se mensageiro de Deus; aceitar o amor de Deus por nós e oferecer esse amor incondicional a todos, sem exceção.

Curar é viver a nossa vida como uma oração, aceitando nosso estado natural de puro contentamento e felicidade, paz e amor, estendendo-o por toda a vida.

[22 “Os nossos pensamentos, que, conforme já vimos, são produtos do espírito, interagem com o envoltório fluídico que nos cerca, produzido principalmente pelas emanções do duplo etérico. Assim são plasmadas as formas-pensamento, que adquirem uma espécie de vida própria. Essas formas-pensamento – nossas criações mentais – são verdadeiros pacotes fluídicos que, a partir do momento em que se exteriorizam para o ambiente, ficam ao sabor das forças de atração e](#)

repulsão que regem os deslocamentos de fluidos.” – André Luiz em Evolução em dois mundos, psicografia de F. C. Xavier. Veja também a nota nº 4.

23 Evolução em dois mundos. André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier. FEB.

24 Idem. Evolução em dois mundos.

25 Gerald Jampolsky, psiquiatra. Fundador do Center for Attitudinal Healing-Tiburon, Califórnia, EUA.

“Doenças” da mediunidade

Em relação à mediunidade, Allan Kardec nos diz que, ao contrário do que a maioria de nós pensa, trata-se de uma faculdade humana, nada tendo de sobrenatural. Ela é uma maneira de interagirmos com o mundo espiritual, que, como sabemos, é o nosso verdadeiro mundo. Para ele, todos nós temos mediunidade, em maior ou menor grau.

Se é uma faculdade humana, então ela também pode se desenvolver, embotar-se ou mesmo permanecer latente. Sim ou não? Peço licença para chamar a isso “doenças” da mediunidade. Vejamos alguns casos:

Síndrome da eclosão mediúnica

Ocorre o término das aderências das terminações perispiríticas às células nervosas (que coincide com o término do processo de mielinização). Acontecem, então, brechas psíquicas, levando a uma perturbação espiritual. Ocorre em crianças que, antes dos 7 anos, ainda não terminaram completamente o processo reencarnatório. Assim é que vivem ainda em dois mundos: o material e o espiritual. Veem espíritos. Choram sem motivo. Falam línguas estranhas. Não dormem. São irritadiças. Têm distúrbios de comportamento. Podem se tornar agressivas, ou se fecharem em seu próprio mundo. O tratamento consiste em passes e água fluidificada.

Síndrome da mediunidade reprimida

Nós sabemos que a mediunidade gera um acúmulo de fluidos represados. Quando a praticamos, liberamos tais fluidos. Se a reprimimos, isso pode gerar distúrbios, que podem se traduzir por manifestações físicas, como insônia, irritabilidade excessiva, sudorese, taquicardia, dificuldade de concentração etc. O tratamento neste caso se faz com o exercício da mediunidade, de preferência na casa espírita, mas, se não for possível, exercê-la, nem que seja sozinho, na própria casa.

Síndrome da estafa mediúnica

Ocorre mais em médiuns de efeitos físicos. Podem ocorrer cansaço físico e mental, pressão precordial, dores musculares, alterações de humor, insônia ou sonolência, cefaleia e fadiga. A perda vital, muitas vezes, pode ser acompanhada de processos obsessivos. O tratamento é, em se percebendo o problema, diminuir o ritmo de trabalho. A prece também ajuda bastante.

Dor: ainda um mal necessário?

É impossível aprender sem dor.

Aristóteles, 400 a.C.

Durante algum tempo, um dos meus grandes questionamentos foi sobre a dor. Existe um filme antigo, que penso ter sido o precursor de todos esses documentários do tipo reality que andam por aí, impressionando muita gente. Pois bem, o filme inicia-se mostrando um parto. A criança nasce e, como é natural, imediatamente chora. Aí, uma voz diz: “Sabem por que esta criança está chorando? Porque ela está entrando em um mundo cão! (Aliás, este é o nome do filme). Nunca mais esqueci a cena e tampouco as palavras.

Por que será que não chegamos aqui dando gargalhadas? Afinal de contas, se existe algo por que todos nós passamos, sem exceção, esse algo é a dor. Mas se Deus existe, é nosso Pai, e como tal não pode querer o mal de Seus filhos, como já dissemos, algum motivo deve haver para que tenhamos todos que passar por ela.

Alguns podem se contentar com a teoria do carma, ou com o famoso “Deus quis assim!”

Acho que isso me parece muito simplista, e que a pena de talião deveria ser melhor entendida. Após ler o que Léon Denis pensa sobre o assunto em seu livro *O problema do ser, do destino e da dor*, comecei a entender melhor seu verdadeiro significado.

Vocês já ouviram falar na teoria do caos? Pois vamos a ela:

As estruturas tendem à instabilidade. Por vezes, elas podem se desestruturar violentamente (caos), porém tendem sempre a se reorganizar em uma situação

superior, isto é, de uma maior complexidade. Podemos chamar isto de “sacudidela”. Paradoxalmente, essa fragilidade, a capacidade de ser “sacudido”, é que constitui a chave para o crescimento. As estruturas que são isoladas das perturbações são protegidas das mudanças. Elas acham-se estagnadas e nunca evoluem rumo a uma forma mais complexa. – Ilya Prigogine, Prêmio Nobel de Química em 1977.

Vamos destrinchar melhor o que o cientista quis dizer? Ele afirma que, para um sistema evoluir a um plano superior, ele precisa ser “sacudido”, isto é, se desestruturar (caos). Sem que isso ocorra, ele não passará para um plano superior. Aí vocês perguntarão: O que será que isso tem a ver com o tema? Resposta: Tem tudo a ver! Nos primórdios de nossa vida na Terra, a dor era nossa companheira inseparável. Ao sabor das intempéries, vivíamos para matar ou morrer. No refúgio nas cavernas, aquecidos pelo fogo, iniciamos o aprendizado no amor, na formação da família.

Aliás, abrindo um parênteses, o conceito de família é muito bem colocado por Chico Xavier quando ele nos diz que “o relacionamento entre os parceiros da vida íntima no lar, na essência, é uma escola ativa de aperfeiçoamento do espírito. Até que duas criaturas alcancem o amor integral, uma pela outra, sob todos os aspectos da individualidade, é compreensível o atrito mais ou menos frequente entre ambas, visando ao burilamento recíproco”.

Voltando à pré-história, todo nosso aprendizado foi feito pela dor. O frio glacial nos levou a aprender a fazer o fogo. Esse mesmo fogo, ao nos queimar, ensinou de seu perigo. Os ferimentos, ocasionados pelas feras ou pelas guerras tribais, tornaram-nos mais cuidadosos. O pai não dizia ao filho para ter cuidado com o fogo. Porque só se aprendia o que é queimar, queimando-se. Esse é o ensinamento.

Quando digo isso, lembro do meu primogênito, Danilo, que adorava enfiar o dedinho nas tomadas. Tanto eu, quanto Mércia, dizíamos: “Danilo, cuidado com o choque!” Choque... Devia ele pensar: o que é isso? Colocamos protetor em todas as tomadas. Até que um dia ele apareceu na sala com um fio enrolado no corpo, com o cabelo todo arrepiado, parecendo personagem de história em quadrinho, branco, tremendo como vara verde. Ele havia enfiado o fio na tomada (acho que pensou que era uma bobina). Tanto eu quanto a Mércia falamos ao

mesmo tempo: Choque!!! Nunca mais passou nem perto de uma tomada. Retiramos todos os protetores! Aprendeu, com a dor! Em resumo, a dor sempre foi nosso grande professor. E, felizmente ou infelizmente, continua sendo.

Não é nas grandes catástrofes que se conhece a solidariedade humana? Baseado em tudo o que falamos, eu pergunto a vocês: Como valorizar a alegria sem conhecer a tristeza? Como valorizar o conhecimento sem conhecer a ignorância? Como reconhecer a bondade sem antes ter conhecido a maldade? Ou, ainda, como valorizar a saúde, sem ter conhecido a doença?

E devemos distinguir muito bem a dor física da dor moral. A dor física é, em geral, um aviso da natureza, que procura preservar-nos dos excessos. Sem ela, abusaríamos de nossos órgãos até o ponto de os destruímos antes do tempo. Léon Denis, o maior filósofo espírita de todos os tempos, nos diz: “A dor física produz sensações. A dor moral produz sentimentos”.

E o que o consolidador do espiritismo diz em relação à dor e à velhice? Diz ele:

À medida que envelhecemos, as alegrias diminuem, e as dores aumentam; o corpo e o fardo da vida tornam-se mais pesados. Quase sempre a existência começa na felicidade e finda na tristeza. É nas horas de imobilidade, inação e sofrimento que somos obrigados a refletir e a passar em revista os atos e lembranças de nossa vida. A dor é uma prova necessária para que a alma, antes de deixar seu invólucro, adquira a madureza, o critério e a clarividência das coisas que serão o remate de sua carreira terrestre. Não podemos esquecer que a velhice dolorosa é o cadinho onde se completam as purificações. Há, então, na velhice resignada, mais grandeza e mais serena beleza que no brilho da mocidade e no vigor da idade madura. Sob a ação do tempo, o que há de profundo, de imutável em nós, desprende-se, e a fronte dos velhos aureola-se de claridades do além.

Um grande contingente de espíritas encontrou a doutrina consoladora pela dor. Infelizmente, as explicações filosófico-doutrinárias da maioria das religiões, sobre a dor e o luto, em essência, são a negação de Deus. Fomos educados pela religião com o errôneo conceito do Deus castigador. Mais ou menos assim: Não peques jamais; ou enviarei muita dor para você! Lembro-me muito bem da

minha infância, quando tinha tanto medo de Deus quanto do diabo. Pode isso?

Voltando a Léon Denis, lembramo-nos dele quando ensina:

Assim, pela vontade, podemos domar, vencer a dor ou, pelo menos, fazê-la redundar em nosso proveito; fazer dela meio de elevação. É na dor que mais se sobressaem os cânticos da alma. Quando ela atinge as profundezas do ser, faz de lá saírem os gritos eloquentes, os poderosos apelos que comovem e arrastam as multidões. Suprimi a dor e suprimireis, ao mesmo tempo, o que é mais digno de admiração neste mundo, isto é, a coragem de suportá-la. O mais nobre ensinamento que se pode apresentar aos homens não é a memória daqueles que sofreram e morreram pela verdade e pela justiça? É necessário sofrer para adquirir e conquistar. Os atos de sacrifício aumentam as radiações psíquicas. Há como que uma esteira luminosa que segue, no espaço, os espíritos dos heróis e dos mártires. Ainda são necessários os infortúnios e as angústias para dar à alma seu aveludado, sua beleza moral, e para despertar seus sentimentos adormecidos. A vida dolorosa é um alambique onde se destilam os seres para mundos melhores.

A dor é como uma asa dada à alma escravizada pela carne para ajudá-la a desprender-se e a elevar-se mais alto. Para isso pôs Deus, nesta terra de aprendizagem, ao lado das alegrias raras e fugitivas, dores frequentes e prolongadas, para nos fazer sentir que o nosso mundo é um lugar de passagem e não o ponto de chegada.

Na oficina augusta, onde se forjam as almas, não são suficientes o gênio e a glória para fazê-las verdadeiramente formosas. Para dar-lhes o último traço sublime tem sido sempre necessária a dor. Se certas existências se tornaram, de obscuras que eram, tão santas e sagradas como dedicações célebres, é que nelas foi contínuo o sofrimento. Não foi somente uma vez, em tal circunstância ou na hora da morte, que a dor as elevou acima de si mesmas e as apresentou à admiração dos séculos; foi por toda a sua vida ter sido uma imolação constante.

O sofrimento, por sua ação química, tem sempre um resultado útil, mas esse resultado varia infinitamente segundo os indivíduos e seu estado de adiantamento. Apurando o nosso invólucro material, dá mais força ao ser interior, mais facilidade para se desapegar das coisas terrenas. Em outros, mais

adiantados no seu grau de evolução, atuará no sentido moral. A dor é como uma asa dada à alma escravizada pela carne para ajudá-la a desprender-se e a elevar-se mais alto.

Lembram-se da teoria do caos, lá atrás? Depois de tudo isso, me atrevo a perguntar: Será que a dor não é aquela “sacudilela” de que o professor Prigogine nos fala? Será que, sem ela, não entraríamos no caos, permaneceríamos estagnados e não evoluiríamos? Deixo esses questionamentos para a reflexão de vocês.

O grande problema que nós espíritas temos é que o conhecimento traz responsabilidade. O espiritismo nos ensina a chorar (sem blasfêmia ou desespero). Até no suicídio, temos a consolação de que, mais dia menos dia, tudo será reparado e reequilibrado. A postura perante a dor ajudará seu irmão, pois você servirá de exemplo. A dor vem para nos mostrar que a vida não é uma grande comédia nem uma grande festa, recheada de prazeres mundanos e fugazes. Ela vem para nos remeter à reflexão, lembrar-nos de nosso caráter divino e nos mostrar por que aqui estamos.

A dor será necessária enquanto o homem não tiver posto o seu pensamento e os seus atos de acordo com as leis eternas; deixará de se fazer sentir logo que se fizer a harmonia. Enfim, a dor persistirá, neste mundo, enquanto o pensamento se desviar dos aspectos profundos, isto é, enquanto a flor da alma não tiver desabrochado.

E finalizando com Léon Denis, podemos dizer que:

O sofrimento não é, muitas vezes, mais do que a repercussão das violações da ordem eterna cometidas; mas, sendo partilha de todos, deve ser considerado como necessidade de ordem geral, como agente de desenvolvimento e condição do progresso. Todos os seres têm de, por sua vez, passar por ele. Sua ação é benfazeja para quem sabe compreendê-lo.

Desencarnações coletivas

Lamentemos sem desespero, quantos se fizerem vítimas de desastres que nos confromem a alma. Não nos esqueçamos, porém, de que nunca estamos sem a presença da Misericórdia Divina junto às ocorrências da Divina Justiça, que o sofrimento é invariavelmente reduzido ao mínimo para cada um de nós, que tudo se renova para o bem de todos e que Deus nos concede sempre o melhor.

Emmanuel

Desencarnação coletiva é um dos temas mais polêmicos, dentro da doutrina espírita. A pergunta que se faz é a seguinte: é programação ou não? Olhem o que Kardec nos diz:

A desencarnação coletiva ocorre porque um grupo ou grupos de espíritos comprometidos com um mesmo débito ou com débitos semelhantes, em reencarnações pregressas, se associam, ainda na espiritualidade, antes do renascimento, com a finalidade de realizar o trabalho redentor em resgates coletivos.

O objetivo, segundo O Livro dos Espíritos, questão 737, é “fazê-lo avançar mais, e as calamidades são frequentemente necessárias para fazerem com que as coisas cheguem mais prontamente a uma ordem melhor, realizando-se em alguns anos o que necessitaria de muitos séculos”.

Além disso (Questão 740), “são provas que proporcionam ao homem a ocasião de exercitar a inteligência, de mostrar sua paciência e sua resignação ante a vontade de Deus, ao mesmo tempo em que lhe permitem desenvolver os sentimentos de abnegação, de desinteresse próprio e de amor ao próximo”.

O egrégio codificador da doutrina espírita, ainda em O Livro dos Espíritos, na sua terceira parte, A Lei de Destruição, faz uma análise dessas tragédias coletivas e interroga os benfeitores da humanidade sobre o que pretende a divindade com essas desencarnações coletivas. Para surpresa de Allan Kardec e a nossa, os benfeitores disseram que era para fazer a sociedade progredir.

Progredir? Será? Vamos a algumas dessas grandes tragédias. O naufrágio do Titanic, o maior navio do mundo, em sua viagem inaugural em 10 de abril de 1912, registrou 1.500 mortos. O naufrágio destacou vários pontos fracos do projeto, deficiências nos procedimentos de evacuação de emergência e falhas nas regulamentações marítimas da época. Comissões de inquérito foram instauradas nos Estados Unidos e no Reino Unido, levando a mudanças nas leis internacionais de navegação que permanecem em vigor mais de um século depois.

Consequências pós-naufrágio: a) Alteração na rota dos navios. b) Alteração no número de botes salva-vidas. c) Criação da Patrulha do Gelo (hoje temos radares ultrasensíveis, a ponto de detectar até um bote salva-vidas, em alto mar). d) Sensível melhora na comunicação terra-mar.

Vamos a outro episódio: Edifício Joelma, São Paulo, 1º de fevereiro de 1974. Incêndio causou a morte de 180 pessoas. Mais de 300 ficaram feridas. O prédio não tinha proteção contra fogo. As ligações de ar-condicionado passavam sobre o forro. Faltou equipamento aos bombeiros. A escada Magirus não possuía altura para atingir os andares mais altos. Depois do incêndio, o Edifício Joelma ficou fechado durante quatro anos para reforma. Quando foi liberado e voltou a funcionar, rebatizado de Praça da Bandeira, passou a ser considerado um dos prédios mais seguros da capital paulista.

Vejam a psicografia de uma vítima fatal, homenagem aos companheiros desencarnados no incêndio ocorrido na capital de São Paulo a 1º de fevereiro de 1974, em resgate dos derradeiros resquícios de culpa que ainda traziam na própria alma, remanescentes de compromissos adquiridos em Guerra das Cruzadas.

Luz nas chamas

Fogo!.. Amplia-se a voz no assombro em que se espalha. gritos, alterações... o tumulto domina

no templo do progresso, em garbos de oficina...

O coração se agita, a vida se estiraçalha.

Tanto fogo a luzir é mística fornalha

e a presença da dor reflete a lei divina.

Onde a fé se mantém, a prece descortina

o passado remoto em longínqua batalha...

Varrem com fogo e pranto as sombras de outras eras

combatentes da cruz em provações austeras,

Conquanto heróis do mundo, honrando os tempos idos.

Na terra o sofrimento, a angústia, a cinza, a escória...

Mas ouvem-se no além os hinos de vitória

Das milícias do céu saudando os redimidos.

Outra tragédia, voltando mais no tempo. Lion, Gálias Francesas, ano de 177. d.C. Império de Marco Aurélio. Homenagem ao cabo de guerra Lucius Galo que chegaria de visita. Alcio Plancus fica encarregado de realizar o evento. Alguém grita: “Morte aos cristãos!” Temos que fazer algo grandioso, pensa ele. Decide reunir 1.000 cristãos, entre mulheres e crianças. Reúne-os no Concillium (uma espécie de arena). Besunta seus corpos com óleo, e cerca-os com um círculo de lanças flamejantes deixando uma pequena passagem para que só os mais fortes pudessem passar. Muitos morreriam pisoteados. Em seguida atea fogo no círculo e solta cavalos velhos para que pisoteassem os que sobrevivessem ao fogo. Cerca de 500 pessoas participaram da organização do evento.

Niterói, RJ, ano de 1961. O Gran Circo Americano pega fogo. Seis toneladas de nylon incandescente caem sobre as pessoas e gruda em seus corpos. O incêndio durou apenas 10 minutos. O número certo de mortos nunca foi sabido. Calcula-se em cerca de 500 pessoas.

Consequências: Na época, o Hospital Antônio Pedro estava fechado. O Dr. Ivo Pitanguy reabre o hospital e junto com uma dezena de médicos voluntários salva vidas e recupera os que sobreviveram. A experiência adquirida com os sobreviventes fez do Brasil referência mundial no manuseio dos pacientes queimados. Aquele tipo de lona nunca mais foi usada para cobertura de circos em todo o mundo. Dezoito séculos depois, a reparação se fez, de acordo com o espírito Humberto de Campos (Irmão X), como escreve em Cartas e crônicas, psicografia de Francisco Cândido Xavier.

Vasp Voo 168, em 8 de junho de 1982, no Estado do Ceará. O comandante pediu para deixar o nível de cruzeiro a aproximadamente 253 km de Fortaleza, quando, pelas cartas de navegação utilizadas para a aproximação ao Aeroporto Pinto Martins, deveria fazê-lo a 159 km. Tanto o controle de tráfego quanto o seu auxiliar não questionaram o motivo de descer tão longe. Ao estabilizar na altitude autorizada pelo tráfego, já dava para ver as luzes da capital cearense. Foi quando o copiloto disse: “Não tem uns morrotes aí na frente?” Nesse momento, o Boeing da Vasp sobrevoava a região de Pacatuba. Seis alarmes soaram na cabine, mas o piloto os ignorou. Às 2h53, o Boeing se chocou contra a Serra de Aratanha, sem deixar sobreviventes.

Chico Xavier psicografa uma mensagem de uma comissária de bordo. Ela conta o seguinte: “Eu estava caminhando em direção à cabine do piloto. Subitamente me virei e me assustei. Todos os passageiros eram piratas, em um navio! Foi a

última coisa de que me lembro. Em seguida o avião chocou-se com a montanha”. Quais as consequências? Nenhuma. Falha humana.

Lembro-me de uma entrevista com o saudoso Ayrton Sena da Silva quando lhe foi perguntado qual a pior coisa que poderia acontecer a um piloto de Fórmula 1. Ele respondeu: Pane seca! Fiquei perplexo. Achei que ele ia responder que seria um acidente. Mas não. Uma pane seca em um carro de Fórmula 1, no máximo, faria o piloto perder a corrida.

E a tragédia como o time da Chapecoense, em novembro de 2016? Em um avião, o custo foi bem mais alto. Alguns fatos chamam nossa atenção. Não foi o avião do time do poderoso clube espanhol Barcelona que caiu. Foi o time da Chapecoense, mas o mundo inteiro se emocionou. Grandes times de todo o mundo prestaram sua homenagem aos mortos. Até a Torre Eiffel se coloriu de verde e branco. E o que dizer da Colômbia? Antes do acidente, eu pensava nesse país como o país da cocaína, onde residiu o maior traficante de todos os tempos, Pablo Escobar Gaviria...

Ah, mais uma lembrança me ocorre. Tive minha mala violada no Aeroporto Internacional de Bogotá. Ao abri-la, tudo estava como eu deixei, e havia um cartaz dizendo: “Sua mala foi aberta para inspeção, pelo Serviço de Fiscalização da Aduana Colombiana”. Essas eram minhas lembranças, em relação à Colômbia. Depois do acidente, tudo mudou. Vocês viram o Estádio Nacional de Medellin, à noite, todo iluminado pelas velas que os colombianos carregavam nas mãos? E o que dizer do cuidado que a equipe de médicos e enfermeiros dedicou aos nossos patrícios? Os caixões, ao sair em cortejo, pelas ruas da cidade foram saudados pelo povo, que apesar da chuva compareceu em massa para se despedir dos brasileiros.

Mudou o paradigma? Para mim, com certeza sim. Até o impossível aconteceu! As torcidas organizadas brasileiras se juntaram e se confraternizaram (se não tivesse visto a imagem, juro por Deus, que eu não acreditaria). E vocês viram o exemplo da mãe do goleiro Danilo (Dona Layde), resgatado com vida, mas que acabou não resistindo? Qual a mãe que perde um filho, dessa maneira, encontra forças para consolar um repórter, que, ao entrevistá-la, se põe a chorar convulsivamente?

Irei guardar para sempre sua imagem, que se encontra em uma montagem feita por alguém, que circulou pela Internet, onde ela aparece debruçada sobre o

caixão do filho. Ele está atrás dela e embaixo encontram-se os dizeres: “Irei cuidar de você. Irei te proteger e te ouvir. Irei secar qualquer lágrima que ousar cair. Desviarei todo o mal de seu pensamento. Estarei contigo a todo momento”. Montagem? Para mim parece mais inspiração do Alto.

Penso que esses resgates coletivos, além do processo cármico implícito, servem principalmente para que seus participantes ganhem um bônus-extra da espiritualidade. Afinal de contas, eles deixam uma lição que, como vimos, serve para que possíveis falhas sejam corrigidas no futuro. Além de resolver antigas pendências, fazem evoluir o planeta.

Lembram-se lá, no início do capítulo, quando os benfeitores espirituais disseram a Kardec que esses eventos aconteciam para a sociedade progredir? E agora, o que vocês acham? Eles estavam certos ou errados? Serve para nossa reflexão.

Religião e religiosidade

A religiosidade é uma conquista que ultrapassa a adoção de uma religião; uma realização interior lúcida, que independe do formalismo, mas que apenas se consegue através da coragem de o homem emergir da rotina e encontrar a própria identidade.

Joanna de Ângelis

Mas, afinal de contas, existe diferença entre religião e religiosidade? Veremos a seguir. Há muitos anos (eu ainda estava na Faculdade de Medicina), presenciei um paciente em estado terminal, conversando com um padre, em um hospital. Ele perguntou: — Padre, eu não tenho religião. Quando morrer, eu irei para o inferno? Confesso que não ouvi a resposta do sacerdote, porque, na época, eu não estava preocupado com essas “coisas”.

Vocês já ouviram falar em um indivíduo chamado Jim Jones? Ele era um pastor americano que criou uma seita (os adeptos diziam ser uma religião) chamada Discípulos de Cristo. Em novembro de 1978, ele induziu 918 pessoas de seu culto a cometerem suicídio. Dessas, 300 eram crianças. A razão dada por Jones foi consistente com a sua declaração anterior sobre agências de inteligência americanas que supostamente conspiravam contra o Templo, ao dizer que eles iriam “atirar em alguns dos nossos bebês inocentes” e “torturar nossos filhos, torturar alguns dos nossos membros e torturar nossos idosos”.

Jones e vários membros passaram, então, a argumentar que o grupo deveria cometer um “suicídio revolucionário” ao beber suco de uva com cianeto e sedativos. Quando os membros gritaram, aparentemente, Jones aconselhou: “Parem com essa histeria! Este não é o caminho para as pessoas que são socialistas ou comunistas morrerem. Este não é jeito pelo qual nós vamos morrer. Devemos morrer com um pouco de dignidade.”

Jones podia ser ouvido, dizendo: “Não tenha medo de morrer! A morte é apenas uma passagem para outro plano. Uma amiga”. No final da fita, Jones conclui:

“Nós não cometemos suicídio; cometemos um ato de suicídio revolucionário para protestar contra as condições de um mundo desumano.” Será possível alguém, com um mínimo de lucidez, tentar explicar o que se passa na mente de um indivíduo como este?

E Charles Manson... Sabem quem é? Charles arregimentou vários seguidores que achavam que ele era a reencarnação de Jesus. Em 9 de agosto de 1969, esses, sem a presença dele, invadiram uma casa alugada pelo diretor de cinema Roman Polanski, onde estava sua esposa, a atriz Sharon Tate, e mais quatro pessoas. Todos foram esfaqueados e barbaramente espancados, até a morte. O sangue deles serviu para eles escreverem na parede frases como: Death to pigs (morte aos porcos). Sharon estava grávida. Seu bebê foi retirado de seu útero em meio à matança.

Segundo o promotor do caso, Vincent Bugliosi, os assassinatos tinham sido planejados por Charles Manson, apesar de não estar presente em nenhum dos dois casos. Bugliosi elaborou uma teoria chamada Helter Skelter. Segundo essa teoria, o objetivo dos assassinatos seria começar uma guerra que, segundo Manson, seria a maior já travada na Terra e que teria essa denominação. O nome corresponde ao título de uma música dos Beatles em que, segundo o promotor, havia uma enorme quantidade de mensagens subliminares, que teriam influenciado as ideias de Manson. Seria uma guerra entre negros e brancos, em que os brancos seriam exterminados pelos negros. Nessa teoria, o assassinato dos famosos de Hollywood levaria a uma breve acusação de algum negro, fazendo os confrontos explodirem logo. Bugliosi afirmou que, durante essa guerra (Manson e sua “Família” eram brancos), planejavam esconder-se em um poço, supostamente denominado por Manson como “poço sem fundo”, em algum lugar no Deserto da Califórnia, assim que a suposta guerra começasse. Após os conflitos, Manson e sua “Família” voltariam do deserto.

Que loucura, hein, gente? O promotor classificou Manson como o “o homem mais maligno e satânico que já caminhou sobre a face da Terra”. Pois esse é o homem cujos seguidores achavam ser a reencarnação de Cristo!

Então, vocês entendem que seita, culto ou religião pode ser criada por qualquer um? Já religiosidade é algo seu. Nasce com você. Ninguém ensina. Aliás, não precisa ser ensinada. É inata. A religião é para aqueles que necessitam que alguém lhes diga o que fazer e querem ser guiados. A religiosidade é para os que prestam atenção à sua voz interior. A religião tem um conjunto de regras

dogmáticas. A religiosidade nos convida a raciocinar sobre tudo, a questionar tudo.

A religião, muitas vezes, ameaça e amedronta. A religiosidade nos dá paz interior. A religião fala de pecado e de culpa. A religiosidade nos diz: “Aprenda com o erro”. Algumas religiões, em nome de Deus, acham que podemos matar. A religiosidade em nome de Deus acha que só podemos amar. A religião nos faz renunciar ao mundo. A religiosidade nos faz viver em Deus, não renunciar a Ele. A religião é adoração. A religiosidade é meditação.

A religião segue os preceitos de um livro sagrado. A religiosidade busca o sagrado em todos os livros. A religião nos busca para que acreditemos. A religiosidade deve ser buscada por nós. A religião enclausura nossa memória. A religiosidade liberta nossa consciência. A religião promete para depois da morte. A religiosidade é encontrar Deus em nosso interior durante a vida. A religião crê na vida eterna. A religiosidade nos faz conscientes da vida eterna.

Em resumo: a religião foi criada pelo homem. A religiosidade foi criada por Deus.

O perdão como terapia

Perdoa, sim, e intercede ao Senhor por aquele que te ofende, olvidando todo o mal que ele supõe ter-te feito ou que supões que ele te fez, e, se o conseguires, ama-o, assim mesmo como ele é.

Joanna de Ângelis

Não poderia encerrar esse livro sem falar daquilo que considero mais importante em nossas vidas. O perdão. William Shakespeare dizia: “Guardar rancor é como tomar veneno e querer que o outro morra”. Boa, não é?

Antes de entrarmos no assunto propriamente dito, gostaríamos de falar com vocês sobre a raiva. A raiva é um sentimento de protesto, insegurança, timidez ou frustração, contra alguém ou alguma coisa, que se exterioriza quando o ego se sente ferido ou ameaçado. A intensidade da raiva, ou a sua ausência, difere entre as pessoas.

É muito difícil uma definição para esse sentimento porque se trata de algo muito profundo no ser humano. A raiva é uma emoção em resposta a um ato que nós achamos injusto em nossa vida. Pode ser encubada ou exposta. Sua duração pode ser curta ou longa. Pode se transformar ainda em ressentimento. Na maior parte das vezes, a reação da raiva é a vingança.

A propósito, recentemente, em uma região da Índia, onde os elefantes foram afastados devido ao aumento das plantações de chá, uma fêmea que teve seu filhote morto por atropelamento fica enraivecida e mata várias pessoas. Após ser abatida, em seu estômago foram encontrados restos humanos.

Restos humanos? O elefante é herbívoro! Que tipo de sentimento faz um animal herbívoro se tornar carnívoro?

Tal fato transcende tudo o que se possa imaginar de inusitado e irreal. A mentora espiritual de nosso querido Divaldo Pereira Franco, Joanna de Ângelis, aponta o

desenvolvimento moral e psicológico do indivíduo como determinante na maneira como a raiva é exteriorizada. Ela nos fala que, além disso, no corpo humano, a raiva gera problemas no sistema nervoso central, disfunção das glândulas de secreção endócrina, distúrbios no aparelho digestivo e desequilíbrio psicológico.

Vamos a alguns conceitos correlatos.

Inveja: uma pessoa pode sentir raiva de outra pelo fato de esta ter algo que aquela gostaria para si. No entanto, como não possui recursos próprios para adquirir estes objetos de desejos, e por sua imaturidade moral, passa a sentir raiva de quem os têm.

Ego: uma pessoa pode sentir raiva de uma outra pelo fato de esta ter afrontado ou ridicularizado o seu ego. A raiva, neste caso, é uma tentativa de proteção ao impor-se uma postura agressiva diante da afronta.

Instinto de superioridade: uma pessoa, que no seu íntimo tem a falsa percepção de superioridade em relação aos demais, quando se vê em uma situação em que não é compreendida ou aceita como gostaria que o fosse, utiliza-se da raiva como mecanismo de evasão dos seus instintos violentos, afligindo a todos que se encontram ao seu lado.

Raiva na família: pode ocorrer quando os pais não dão a devida atenção aos filhos, desinteressando-se pelos problemas que venham a afligir a prole. Inconscientemente o indivíduo começa a ressentir-se, o que ao longo dos anos pode gerar raiva acumulada. Além disso, nós espíritas sabemos que o sinônimo de família é reconciliação no lar (André Luiz).

E o “pavio curto”? Já ouviram falar? Novamente Joanna de Ângelis nos socorre: “É bem comum acidentes automobilísticos devido à raiva mal contida de motoristas que não se conformam em serem ultrapassados por outros carros, e, ao invés de facilitar a ultrapassagem, terminam expondo o outro automóvel a perigos que podem resultar num acidente.

E quais são as consequências da raiva? São várias. A violência verbal. A violência física. O ódio, que consiste numa ênfase de raiva, que geralmente dura mais tempo e acompanha um desejo contínuo de fazer mal a alguém. O comportamento agressivo, que se dá quando o indivíduo assume uma postura contínua de mau humor e raiva, pode ter sua origem em pequenas frustrações

que no decorrer da vida se acumulam e que não foram superadas através de diálogos compreensivos e do perdão ao próximo e a si mesmo.

Olhem que interessante este estudo, realizado por Staxi, em 2007, sobre a raiva crônica. Esse estudo concluiu que certas pessoas vivenciam sentimentos de raiva frequentes, e que os homens apresentaram resultados de mais raiva do que as mulheres, assim como os traços de raiva são maiores na faixa etária entre 20 e 49 anos. A população estudada apresentou sentimentos de raiva em direção a si própria. As reações de raiva parecem ocorrer mais nos homens, e as pessoas entre 40 e 49 anos apresentam essas reações mais acentuadamente, ocorrendo uma diminuição nos indivíduos com idade entre 50 e 60 anos.

O estado de raiva apresentado foi menor na população feminina que na masculina. Com relação à expressão da raiva, parece haver uma repressão, o que se denomina raiva para dentro. O homem, de um modo geral, demonstra mais a raiva do que a mulher, fato atribuído ao domínio do patriarcado.

Interessante, não? Será que raiva e ódio têm o mesmo significado? Vejamos: o ódio é mais profundo que a raiva. Enquanto a raiva seria predominantemente uma emoção, o ódio seria, essencialmente, um sentimento. Assim como o amor, só odiamos aquilo que nos for muito importante. Não há necessidade de nos serem muito importantes as coisas pelas quais experimentamos raiva. Entretanto, para odiar, é preciso valorizar o objeto odiado.

Em termos práticos, podemos dizer que a raiva, como emoção, não implica mágoa, mas estresse, e o ódio, como sentimento, implica mágoa crônica, angústia e frustração. Nenhum dos dois é bom para a saúde; enquanto a raiva, por meio do seu aspecto agudo e estressante, proporciona uma revolução orgânica bastante importante, às vezes suficientemente importante para causar um transtorno físico agudo, do tipo infarto ou derrame (AVC), o ódio consome o equilíbrio interno cronicamente, mais compatível com o câncer, com a arteriosclerose, com a diabetes, hipertensão e tantas outras doenças crônicas. (Shermann, 2006, L.A.)

Minha saudosa vovó Marina sempre me dizia: “Procure não guardar mágoa ou ódio de ninguém, para não envenenar seu fígado.” Eu achava aquilo um pouco estranho, mas, para os antigos, o fígado era o órgão que envenenava o sangue. Hoje, como médico, entendo melhor o que ela queria dizer. Abaixo do fígado, e colado a ele, existe a vesícula biliar, que secreta a bile, também chamada de fel.

“Amargo como o fel...” Conhecem a expressão?

Muita gente diz: “Eu não sei o que eu fiz a essa pessoa para merecer tanta ingratidão!” Nós, espíritas, reencarnacionistas, podemos perguntar: Por acaso, você sabe o que fez a essa pessoa em outras encarnações? Os relatos mostram que o indivíduo, no mundo espiritual, ao tomar ciência daquilo que fez para o ofensor em outras épocas, acaba achando pouco o que foi feito com ele próprio.

Ainda em relação à família, vejamos o que Emmanuel, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, assinala:

Na guerra fria da trincheira doméstica, antigos adversários permanecem jungidos uns aos outros, nas férreas teias das circunstâncias que lhes constroem as almas à experiência comum. Enquanto houver dívida em nossa marcha, haverá reajustamento pela dor.

A Bondade Infinita do Criador ou daqueles que O representam nos afaga e desculpa sempre; entretanto, nossa consciência jamais nos perdoa.

Tenhamos, dessa forma, cuidado em não tisonar a alvura de nossa vestimenta interior, ou, então, empenhemos nossas melhores energias por refazer-lhe a brancura, porquanto, amanhã, a vida nos pedirá contas do tempo e dos recursos que nos foram emprestados e não nos ausentaremos do círculo escuro de nossas defecções morais, enquanto não formos perdoados por nosso tribunal íntimo, de vez que, como criaturas de Deus, desejamos senhorear a Sublime Herança que nos é reservada, não à conta de mendigos ou mercenários da Graça Divina, mas na posição de Filhos Redimidos de Nosso Pai Celestial.

A maioria de nós pensa que, ao chegar do outro lado, haverá um tribunal, como na Inquisição, para nos julgar.

Os benfeitores espirituais dizem que realmente tal tribunal existe, mas que ele é formado, única e exclusivamente, pela nossa consciência. Ao criar um

sentimento de remorso e arrependimento, entramos em algo que podemos chamar de ideoplastia, ou ideia única, que é o que mais nos atrapalhará no mundo espiritual.

26

E para provar que, como já dissemos antes, o que move o mundo é a religiosidade, e não a religião, olhem o que o papa Francisco nos fala sobre o perdão:

Família: lugar de perdão

Não existe família perfeita. Não temos pais perfeitos, não somos perfeitos, não nos casamos com uma pessoa perfeita nem temos filhos perfeitos. Temos queixas uns dos outros. Decepcionamos uns aos outros. Por isso, não há casamento saudável nem família saudável sem o exercício do perdão. O perdão é vital para nossa saúde emocional e sobrevivência espiritual. Sem perdão a família se torna uma arena de conflitos e um reduto de mágoas.

Sem perdão a família adoece. O perdão é a assepsia da alma, a faxina da mente e a alforria do coração. Quem não perdoa não tem paz na alma nem comunhão com Deus. A mágoa é um veneno que intoxica e mata. Guardar mágoa no coração é um gesto autodestrutivo. É autofagia. Quem não perdoa, adoece física, emocional e espiritualmente.

É por isso que a família precisa ser lugar de vida e não de morte; território de cura e não de adoecimento; palco de perdão e não de culpa. O perdão traz alegria onde a mágoa produziu tristeza; cura, onde a mágoa causou doença.

Bem, gente, não existe nenhuma possibilidade de sermos felizes se não perdoarmos. A raiva nos faz infelizes. Ela, também, pode nos fazer adoecer e nos levar à morte. Quando perguntaram a Chico Xavier qual atributo diferencia o grau de evolução espiritual do ser humano, ele assim respondeu: “A capacidade intrínseca de perdoar”. Que tal nos esforçarmos para evoluir? E, para finalizar, atentemos para o que nos disse Immanuel Kant: “Lembra-te de perdoar”.

Capítulo final: O desconhecido

Minha fé é no desconhecido, em tudo que não podemos compreender por meio da razão. Creio que o que está acima do nosso entendimento é apenas um fato em outras dimensões e que no reino do desconhecido há uma infinita reserva de poder.

Charles Chaplin

Também não poderíamos deixar de lembrar que a maioria das coisas que existem ainda são desconhecidas para nós. Vamos a alguns exemplos. Algumas se devem ao maior complicador de nossas vidas. Porventura sabem qual é? Eu chamo de Fator H. O Fator Humano!

Por que estudantes de medicina que tinham um relacionamento frio com os pais e não sabiam externar suas emoções morriam mais de câncer?

Por que o grau de insatisfação no emprego é a maior causa de doença coronariana?

Por que a forma de encarar o infarto do miocárdio é importante nas Unidades de Terapia Intensiva, em relação à melhora?

Por que, ao tomarem contato com a bactéria estreptococos, algumas pessoas apresentam febre reumática, outras têm amigdalites e outras eliminam a bactéria?

Por que homens que possuem esposas amorosas têm duas vezes menos angina pectoris (dor no peito) dos que os que não as possuem?

Por que viúvos idosos aumentam em 40% as chances de morrerem nos primeiros seis meses após a morte do cônjuge, ou, ainda, por que o sistema imunológico fica “meio desarvorado” após esse fato?

Por que a taxa de mortalidade é maior nos solteiros do que nos casados, na

mesma faixa etária, ou mais elevada ainda naqueles que não tinham amigos, não se relacionavam com os parentes ou não frequentavam cultos religiosos?

Ou, ainda, por que um grupo de coelhos que era submetido à dieta rica em gorduras não desenvolvia doença aterosclerótica, ao contrário dos outros grupos? O pesquisador, na Universidade de Ohio (EUA), não sabia a causa. Afinal de contas, era uma experiência absolutamente controlada. Ao adormecer no laboratório, acordou com a porta se abrindo e viu por ela entrando o técnico que acariciava só aquele grupo de coelhos! Incrível, não é? Coincidência ou um fator ainda mal compreendido por nós?

Por que motivo ovos de rã, mesmo quando afastados uns dos outros, possuem uma capacidade intrínseca de se agruparem? Que força de atração é esta? Será que o mesmo poderia ocorrer com o homem? Aliás, sobre esse assunto, G. G. Simpson, em 1953, assim se manifestou: “Nenhum animal ou planta vive sozinho ou é autossuficiente. Todos vivem em comunidade que incluem outros membros de sua própria espécie e também, em certo número, uma grande variedade de outras espécies de animais e plantas. A tentativa de ficar sozinho é, na verdade, inútil, nunca tendo obtido sucesso na história da vida”.

Para finalizar, eu penso que nós, humanos, deveríamos descer de nosso pedestal e aceitar com humildade e resignação que ainda estamos em um estado muito pobre de evolução. Aquelas verdades de algum tempo atrás passam a não sê-lo com uma velocidade cada vez maior. Em outros tempos, os paradigmas mudavam lentamente. Atualmente, com a evolução tecnológica, o conhecimento adquirido hoje pode, amanhã, ser perfeitamente questionado. Aprendemos, pela religião, que somos corpo e alma. Estamos cuidando cada vez mais do corpo. Será que estamos nos esquecendo da alma?

Espero que este livro, longe de ditar normas ou regras, tenha servido para que você, estimado leitor, seja levado a uma reflexão a respeito do motivo que aponte de onde viemos e para onde estamos caminhando. Se isso acontecer, valeu a pena!

Seja feliz!

Referências bibliográficas

GERBER, R. Medicina vibracional (Uma medicina para o futuro). São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1988.

Autores diversos. A vida do anencéfalo. (Aspectos científicos, religiosos, jurídicos). São Paulo: Editora Folha Espírita, 2009.

DIAMENT, Aron, CYPEL, Saul. Neurologia infantil. 3. ed., São Paulo: Atheneu, 1996. p.745.

DIAMOND, E.F. Management of a pregnancy with an anencephalic baby. Anencephaly, Selected Medical Aspects, Hasting Center Report, 18:11, 1988.

Donazione di organi, 21 giugno 1996, p. 15.

SHEWMON, A. Anencephaly: selected medical aspects. New York: Hasting Center Rep, 1988, p. 325.

SHEWMON, D. A., CAPRON, A. M., PEACOCK WJ, et al. The use of anencephalic infants as organ sources: a critique. JAMA 261: 1773-81, 1989.

PLOWS, WC. Reconsiderations of AMA opinion on anencephalic neonates as organ donors. JAMA. V. 275, Issue 6, 443-444, feb: 14, 1996.

ANDONOTOPO, W. KURJAK, A., IVANCIC-KOSUTA, M. Behavior of anencephalic fetus studied by 4D ultrasound. J. Matern Fetal. Neonatal Med, 2005; 17: 165-168.

CALZOLARI, F., GAMBI, B., GARANI, G., TAMISARI L. Anencephaly: MRI findings and pathogenetic theories. Pediatr Radiol, 34: 1012-1016, 2004.

SCHMAHMAMM, J. D., SHERMAN, C. The cerebellar cognitive affective syndrome. Brain, 2002, 121, 561-579.

LOMHOLT, J.F., NOLTING, D., HANSEN, B. F., STOLTZE, K., KJAER, I. Craniofacial skeleton in anencephalic human fetuses. II Cal-varium. Teratology

2004; 17:64-74, 14.

VUKELIC, W., METELMANN, J., MÜTING, M., KOS, J. Peter. Anencephaly: structural characterization of gangliosides in defined brain regions. *Biological Chemistry*, 2001.

KARDEC, A. *Le Livre des Esprits*. LUSKB, 1954.

XAVIER, F. C. (Espírito André Luiz). *Entre a Terra e o Céu*. FEB, 1954.

PASTORINO, C. T. *Técnica da mediunidade*. Editora Sabedoria, 1968.

Xavier, F. C. (Espírito André Luiz). *Ação e reação*. FEB, 1954.

_____. (Espírito Emmanuel). *O consolador*. FEB, 1940.

NOBRE, M. A questão do abortamento provocado do chamado anencéfalo. São Paulo: FE, p. 368.

COSTA, Sérgio Ibiapina F. Anencefalia e transplante. São Paulo: *Revista da Associação Médica Brasileira*, jan./mar. 2004, v. 50, n. I, p. 10.

PRAXEDES, H. Carta ao Conselho Federal de Medicina. 10 set. 2004.

DIAMOND, E. F. Management of a pregnancy with an anencephalic baby. *Anencephaly, Selected Medical Aspects, Hasting Center Report*. 18:11, 1988.

NOBRE, M. *Nossa vida no além*. Editora Folha Espírita, 1998.

MENEZES, A. B. *A loucura sob novo prisma*. Edições FEESP, 1987.

FACURE, N. O. *Muito além dos neurônios*. Editora Folha Espírita, 1999.

KÜBLER- Ross, E. *Sobre a morte e o morrer*. 8ª ed., Martins Fontes. São Paulo, 1998.

XAVIER, F. C. (Espírito Irmão Jacob). *Voltei*. 28ª ed. Ed. FEB, Rio de Janeiro, 2008.

_____. (Espírito André Luiz). *Nosso Lar*. 24ª ed. Ed. FEB, Rio de Janeiro, 1982.

XAVIER, F.C., VIEIRA, W. Evolução em dois mundos. 7ª ed. Ed. FEB, Rio de Janeiro, 1983.

JAMPOLSKY, G. Perdão: A cura para todos os males. Editora Cultrix, 2007.

KARDEC, A. Le Livre des Mediums. LUSKB, 1955.

BOZZANO, E. Dei fenomeni di bilocazione. Tipografia Dante, Città della Pieve, Roma, 1934.

XAVIER, F. C. Libertação. Ed. FEB, Rio de Janeiro, 1949.

MOODY, R. Vida após a vida. Ed. Nórdica, 1976.

MOODY, R. Reflexões sobre vida após a vida. E. Nórdica, 1977.

FENIMORE, A. Beyond the Darkness. Bantom Books. NY, 1995.

SABOM, M.B. Recollection of Death. Harper&Row, 1982.

VIEIRA, W. Projectiology: A Panorama of Experiences of the Consciousness. Ed. International Institute of Projectiology and Conscientiology. 1986.

DENIS, L. O problema do ser, do destino e da dor. FEB, Rio de Janeiro, 1989.

XAVIER, F.C. Cartas e crônicas. Espírito Humberto de Campos. FEB, 1966.

XAVIER, F.C. Refúgio. Espírito Emmanuel. Ed. Ideal, 1989.